



ATER AGROECOLOGIA

EXPERIÊNCIAS NO TERRITÓRIO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO





SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL

ATER AGROECOLOGIA

EXPERIÊNCIAS NO TERRITÓRIO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ATER agroecologia : experiências no território Sertão do São Francisco / organização André Luiz Lopes Pereira, Clérison dos Santos Belém, Lorena Santiago Simas. -- Juazeiro, BA : Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA, 2023.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-88104-17-4

1. Agricultura familiar 2. Agricultura - Aspectos ambientais 3. Agricultura - Aspectos socioeconômicos 4. Agroecologia 5. Áreas rurais 6. Comunidades tradicionais I. Pereira, André Luiz Lopes. II. Belém, Clérison dos Santos. III. Simas, Lorena Santiago.

23-183912

CDD-630

Índices para catálogo sistemático:

1. Agricultura familiar 630

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA

Diretoria

José Moacir dos Santos – Presidente
Alcides Peixinho Nascimento - Vice Presidente
Cláudia Maisa de Oliveira Souza - Tesoureira
Angela Maria de Oliveira Souza - Secretária

Conselho Fiscal

Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá - Coopercuc
Érica Daiane da Costa Silva
Rosendo dos Santos Filho

Coordenação Colegiada

Cícero Félix dos Santos – Coordenador Geral
Nívea Solange Rocha da Silva – Coordenadora Administrativa
Clérison dos Santos Belém – Coordenador Institucional

Equipe Técnica do Projeto

Alessandro Santos Santana
Ana Paula Pereira de Alexandria
André Luiz Lopes Pereira
David da Motta Rodrigues
Darlei da Silva Rodrigues
Daiane de Souza Dantas
Eleide Santos Brito
Lorena Santiago Simas
Manoel Rodrigues Ribeiro
Maria de Fatima Ribeiro de Souza
Mona Mirella dos Santos Silva
Nívea Solange Rocha da Silva
Tamillo de Souza Costa
Thainá Prazeres Alves

Organização/Publicação

André Luiz Lopes Pereira
Clérison dos Santos Belém
Lorena Santiago Simas

Projeto Gráfico

Articulação de
Agroecologia
da Bahia (AABA)

Diagramação

Imburanatec Design

Revisão Editorial

Conselho Editorial (IRPAA)

Fotografias

Comunicação Irpaa
William França



www.irpaa.org

SUMÁRIO

05 PREFÁCIO

07 APRESENTAÇÃO

09 CONHEÇA O PROJETO ATER AGROECOLOGIA

15 CASA NOVA

- Apresentação do município e comunidades assessoradas
- Diversidade na produção agroecológica garante segurança alimentar e nutricional à família na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Mimoso em Casa Nova
- Agricultura Sustentável e Autonomia na comunidade Quilombola de Lagoinha em Casa Nova
- Análise das caracterizações
- Conquistas e avanços para além da assessoria técnica

35 CURAÇÁ / UAUÁ

- Apresentação do município e comunidades assessoradas
- Diversidade produtiva, redução de gastos e novas perspectivas para o futuro marcam família na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Santana em Curaçá
- Cultivo agroecológico contribui com aumento da renda familiar na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Pedra Grande em Uauá
- Análise das caracterizações
- Conquistas e avanços para além da assessoria técnica

51 JUAZEIRO

- Apresentação do município e comunidades assessoradas
- Maior produção agroecológica e acesso a mercados de comercialização viabilizam autonomia financeira da mulher na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Caiçara em Juazeiro
- Aumento e melhor qualidade da criação de caprinos e ovinos a partir da assessoria técnica na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Tanque Novo em Juazeiro
- Protagonismo das mulheres transformando realidades na comunidade Quilombola Pau Preto em Juazeiro
- Análise das caracterizações
- Conquistas e avanços para além da assessoria técnica

69 PILÃO ARCADE

- Apresentação do município e comunidades assessoradas
- Ampliação da produção de mel e ração animal garantem melhor renda para família na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Lagoa do Anselmo em Pilão Arcado
- Análise das caracterizações
- Conquistas e avanços para além da assessoria técnica

83 REMANSO

- Apresentação do município e comunidades assessoradas
- Formações resultaram em aumento da produção apícola e mais engajamento comunitário na região do Major em Remanso
- Análise das caracterizações
- Conquistas e avanços para além da assessoria técnica

100 RESULTADOS GERAIS

- Linha do tempo
- Resultados quantitativos a partir da agregação das caracterizações
- Resultados qualitativos a partir da agregação das caracterizações

118 CONSIDERAÇÕES

- Desafios e perspectivas



PREFÁCIO

O livro “ATER Agroecologia: experiências no Território Sertão do São Francisco” é a síntese de um trabalho desenvolvido no Semiárido baiano, nos municípios de Casa Nova, Curaçá/ Uauá, Juazeiro, Pilão Arcado e Remanso, através da Assessoria Técnica e Extensão Rural para o fortalecimento da Agroecologia. Aqui, Agroecologia é sinônimo de Convivência com o Semiárido, uma proposta Agroecológica contextualizada para a Caatinga, uma vez que cada bioma deve construir a Agroecologia, no seu contexto climático, histórico e social.

Esta obra foi sistematizada pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), que executou o Projeto ATER Agroecologia, durante três anos, nos municípios citados acima. O protagonismo do livro é das agricultoras e agricultores das diversas comunidades assessoradas, que, junto com as técnicas e técnicos do Irpaa, compartilharam conhecimentos através de metodologias participativas, diálogos, troca de experiências, intercâmbios e planejamento de estratégias. Durante as ações também foi possível expor as dificuldades e anseios para a construção da Convivência com o Semiárido, experimentando juntos/as novas e antigas técnicas voltadas para essa região, pensando também na mitigação dos efeitos das mudanças climáticas.

Para além das ações voltadas às técnicas de cultivo agroecológico, criação de animais, gestão da água, saneamento rural, comercialização e protagonismo da juventude, o projeto se propôs ainda a dialogar e sensibilizar as mulheres acerca da relevância do seu papel. A partir dos debates, elas passaram a compreender e discutir que as funções precisam ir além dos cuidados domésticos e com outras pessoas, evidenciando o trabalho e o potencial das mu-



Iheres também na ocupação de espaços de decisão, na produção de alimentos saudáveis, comercialização dos produtos da agricultura familiar e na geração de renda. Consequentemente, esse conjunto de atividades proporciona autonomia financeira e, principalmente, o aumento da autoestima dessas mulheres, que se descobriram capazes de administrar todos os aspectos da unidade produtiva familiar. Logo, é de fundamental importância considerar e enfatizar que, no decorrer de todas as atividades realizadas pela ATER Agroecologia, a maior participação foi das mulheres.

Essas experiências e a sistematização dos resultados alcançados foi possível devido ao interesse no investimento em política pública de ATER, de uma gestão do governo do Estado da Bahia, que tem forte participação da sociedade civil organizada, que ocupa de forma qualificada diversos espaços de participação social, como os conselhos e fóruns de discussão e avaliação dessas políticas. Assim, o Irpaa, ao longo de mais de 30 anos, vem fazendo essa ponte de diálogo entre a gestão pública e os anseios da população, em especial, a que vive no campo.

Ao olhar para os resultados diretos que os dados apresentam e lendo nas entrelinhas dos depoimentos das agricultoras e agricultores, é possível atestar que, de fato, estamos conseguindo transformar a vida no campo, mostrando que é viável conciliar a permanência na área rural com dignidade, além de conservar, e até melhorar, o ambiente natural. Tudo isso é possível através de ações que devem ser financiadas com recursos públicos.

Portanto, além de deixar o convite para conhecer as experiências registradas neste livro, ressaltamos que a Agroecologia no Semiárido se faz com o pé no chão da realidade dos povos e comunidades do campo. A Convivência com o Semiárido é possível, viável e de baixo custo. E assim, o Bem Viver já está sendo construído ou reconstruído de dentro para fora.

José Moacir dos Santos
Presidente do Irpaa



APRESENTAÇÃO

O Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpa), é uma organização não governamental que há 33 anos tem como missão a formação e valorização da pessoa humana através da consolidação da Convivência com o Semiárido, visando alcançar o Bem Viver e plena qualidade de vida dos povos da região semiárida do Brasil. Para isso, respeita e defende as particularidades dos povos e comunidades tradicionais, do clima, das vegetações, dos animais, das águas e das terras.

Aprender a conviver e produzir no Semiárido, com chuvas irregulares, períodos longos de estiagens, diferentes condições de solo, dentre outros fatores, é possível a partir do conhecimento e domínio das técnicas de produção apropriadas a este clima. Além disso, é preciso despertar a compreensão da necessidade de acesso à terra em tamanho apropriado, acesso às águas e políticas públicas que atendam as demandas da região. Assim, contribuir nessas reflexões, lutas e conquistas, são motes para a existência do Irpa.

Para tanto, a assessoria técnica e extensão rural a partir de editais públicos, principalmente, do Governo do Estado da Bahia, a exemplo da chamada de Assistência Técnica e Extensão Rural para Promoção da Agroecologia, a ATER AGROECOLOGIA, são ferramentas importantíssimas para que o Irpa continue na sua missão junto às comunidades rurais em prol da Convivência com o Semiárido.

O Projeto foi norteado através da concepção da ATER como serviço de educação não formal, de caráter continuado, no meio rural, nos processos de gestão, produção, beneficiamento e comercialização das atividades e dos serviços agropecuários e não agropecuários, além da organização social.



O processo metodológico do projeto foi desenvolvido numa abordagem holística com caráter participativo, pautado no processo de construção coletiva, valorizando os conhecimentos tradicionais/populares (empíricos), integrando as vivências e trajetórias das famílias rurais, fortalecidas pela ATER Agroecologia. O projeto esteve voltado para as dimensões familiar e comunitária, envolvendo todos os integrantes no planejamento e gerenciamento das Unidades de Produção Familiares, além de ter incentivado e articulado a organização das mesmas para terem acesso a outras políticas públicas.

Dessa forma, este livro contém os principais resultados da trajetória da ATER Agroecologia executado com 540 famílias agricultoras nos municípios de Casa Nova, Curaçá/Uauá, Juazeiro, Pilão Arcado e Remanso, no território de Identidade Sertão do São Francisco, durante três anos de acompanhamento. Foram atividades e ações agroecológicas que ajudaram as famílias assessoradas, grupos produtivos, associações e cooperativas a compreenderem a relevância dessa ação para a produção saudável de alimentos, conservação ambiental e diminuição das desigualdades sociais que ainda são gritantes no campo, mas que graças a projetos como a ATER Agroecologia e a programas sociais como a implementação de tecnologias de captação e armazenamento de água de chuva no Semiárido, vêm proporcionando mais dignidade às famílias agricultoras do Semiárido.

“Assim, a partir de agora, caro/a leitor/a, você vai conhecer alguns dos diversos frutos da ATER Agroecologia.



CONHEÇA O PROJETO ATER AGROECOLOGIA

Dados do contrato

- **Edital:** Chamada Pública nº 001/2018 - ATER AGROECOLOGIA
- **Entidade contratada:** Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - Irpaa
- **Contrato:** 014/2019 - Celebrado entre BAHATER/SDR e IRPAA
- **Lote:** 010
- **Vigência do contrato:** 36 meses (Agosto 2020 – Agosto 2023)
- **Número de Famílias:** 540
- **Composição da equipe:**
 - 01 Coordenador/a com graduação nas Ciências Agrárias;
 - 01 Técnico/a com graduação, cuja formação contemple as Ciências Agrárias, Biológicas, Sociais e/ou Humanas;
 - 01 Comunicador/a Popular graduado/a;
 - 06 Técnicos/as de nível médio com formação na área de Ciências Agrárias;
 - 01 Auxiliar administrativo.
- **Área de atuação:** Território Sertão do São Francisco, em 5 municípios: Juazeiro, Curaçá, Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado.
- **Número de comunidades:** 42

Imagem 01: Municípios de atuação do projeto.



PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS

QUANTIDADE	ATIVIDADE	QUANTIDADE	ATIVIDADE
06	Reunião Articulação com Pareiros	20	Visitas Coletivas (16h)
540	Mobilização/ Seleção das Famílias	18	Visitas Coletivas (24h)
540	Diagnóstico da UPF	531	Selecionáveis Individuais (2h) - Atualização do Diagnóstico da Unidade Produtiva Familiar (2h)
24	Diagnóstico Comunitário Participativo	54	Atualização da Caracterização da Unidade Produtiva Familiar (2h)
54	Caracterização da UPF	01	Oficina de Nivelamento Técnico Metodológico (16h)
24	Planejamento Comunitário	01	Seminário de Monitoramento e Avaliação Intermediário (16h)
536	Visitas Técnicas Individuais (4h)	01	Seminário de Avaliação Final (24h)
38	Visitas Coletivas (8h)		



ASSESSORADAS E ASSESSORADOS DA ATER AGROECOLOGIA

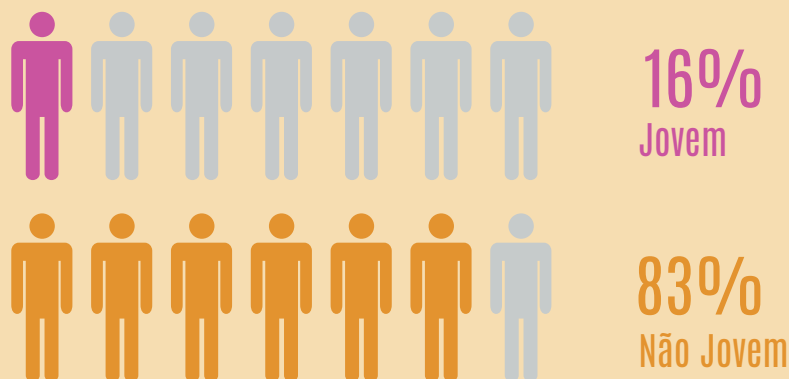
Com o gráfico a seguir, podemos comprovar que “Sem Feminismo não há Convivência com o Semiárido”. Em muitas civilizações, inclusive de alguns povos originários do Brasil, a tarefa de plantar e cuidar da terra foi delegada às mulheres. No desenrolar das atividades da ATER Agroecologia ficou evidenciado o acerto de priorizar as mulheres nas atividades e como gestoras da maioria das ações. As mulheres foram protagonistas nos resultados da assessoria técnica, mesmo passando por tempos de pandemia, com dificuldades de encontros presenciais e as desafiadoras atividades virtuais.

Gráfico 01: Proporção entre mulheres e homens entre os assessorados do projeto ATER Agroecologia.



Além disso, quando visualizamos o grupo de assessoradas e assessorados pela ATER Agroecologia em Casa Nova, Curaçá/Uauá, Juazeiro, Pilão Arcado e Remanso, também é possível refletir sobre a necessidade de aumentar a participação das juventudes nas ações e projetos de ATER, o que nos leva a necessidade de pensar sobre novas metodologias, temáticas e narrativas para envolver essa parcela da população rural.

Gráfico 02: Proporção entre jovens e não jovens entre os assessorados do projeto ATER Agroecologia.



PRINCIPAIS SUBSISTEMAS DESENVOLVIDOS PELAS FAMÍLIAS



Criação de caprinos e ovinos em Fundo de Pasto



Apicultura



Suinocultura



Horticultura



Pomar



Quintal produtivo



Mandiocultura



Roçado



Avicultura

PRINCIPAIS TEMAS TRABALHADOS NAS COMUNIDADES DURANTE A ATER AGROECOLOGIA

- Acesso a editais (Bahia Produtiva).
- Comercialização (PAA, PNAE e mercados informais);
- Fortalecimento das Juventudes (produtivo e social);
- Gestão da Água;
- Manejo Agroecológico do Solo;
- Manejos Básicos em Apicultura;
- Manejos Sanitário, Alimentar e Reprodutivo de caprinos, ovinos e galinhas caipiras;
- Manejo Sustentável da Caatinga e Recursos Hídricos;
- Organização Social;
- Plano de Ação para Juventudes;
- Plano de Ação para Mulheres;
- Relação de Gênero;
- Segurança Alimentar e Nutricional (SAN);
- Sementes Crioulas Animais e Vegetais.



SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

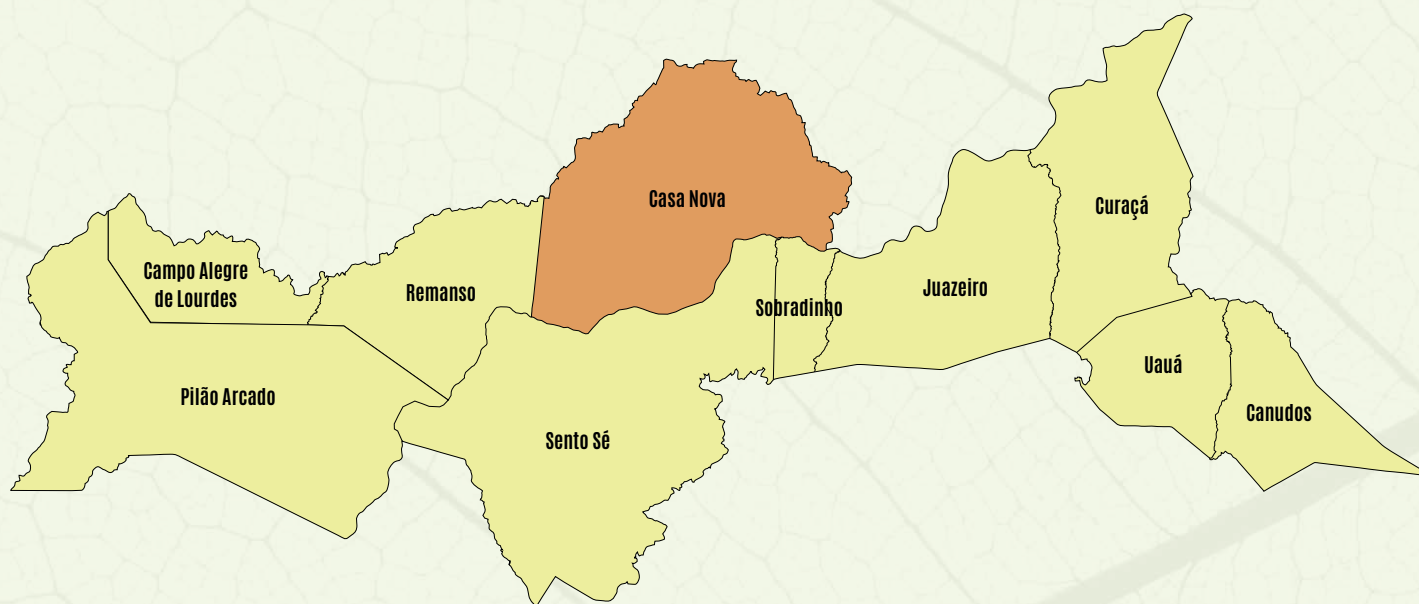
CASA NOVA



APRESENTAÇÃO DO MUNICÍPIO

O município de Casa Nova está situado na região Norte da Bahia, no Território Sertão do São Francisco, a uma distância aproximada de 575 km da capital Salvador. A área territorial de Casa Nova é de 9.647,072 km², de acordo com o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, com uma população que ultrapassa os 72 mil habitantes.

Imagem 02: Mapa do Território Sertão do São Francisco com destaque no município de Casa Nova.



Neste município, o projeto ATER Agroecologia assessorou 150 famílias agricultoras nas regiões de Lagoa dos Tintinos (Serra Branca, Salina da Brinca, Ladeira Grande) e de Mimoso (Melosa, Juá, Salina do Amaro, Água Fria, Tigre e Salãozinho). Sendo 83 mulheres (55%), 33 jovens (22%) e 34 homens (23%) assessorados pelo Projeto.

Na comunidade Lagoa dos Tintinos e arredores predominam: criação de galinhas; plantio das hortas; quintais produtivos; roçados, com cultivo de: feijão, milho, abóbora, melancia e mandioca para produção de farinha; extrativismo; produção de mel; beneficiamento de frutas; além da criação de caprinos e ovinos, adaptados ao clima semiárido, criados nos fundo de pasto, uma vez que, a quantidade média de terra por família gira em torno de apenas 2 hectares, sendo insuficiente para a criação desses animais. As comunidades são tradicionais de Fundo de Pasto, e algumas ainda buscam a certificação da comunidade, a exemplo de Salãozinho, que tem uma área de uso coletivo com aproximadamente 500 hectares.

Além disso, essas comunidades apesar de estarem geograficamente próximas ao rio São Francisco, ainda têm o acesso à água negado, impactando diretamente na qualidade de vida das famílias, principalmente, naquelas que ainda não possuem a cisterna de consumo, nem de produção, para o armazenamento da água da chuva.

A produção dessas famílias é voltada para o consumo, sendo o excedente comercializado em feiras livres, por atravessadores, ou distribuídos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e/ou Programa de Aquisição de Alimento (PAA).

Na região de Mimoso, as comunidades são certificadas como Tradicionais de Fundo de Pasto, com uma área coletiva de aproximadamente 450 hectares de área coletiva. A renda das famílias vem basicamente da criação de caprinos e ovinos, seguido pela criação de suínos e galinhas, além do roçado. A Caatinga é densa com uma grande variedade de espécies nativas que colaboram com a manutenção dos rebanhos. As unidades produtivas individuais têm uma média de 15 hectares.

As famílias dessas regiões se organizam através das associações comunitárias e grupos de jovens, com o objetivo de discutir e solucionar questões de interesse coletivo. Além disso, alguns agricultores e agricultoras estão envolvidas nos processos da Cooperativa Sertão Forte de Casa Nova (COOAF), que atende comunidades rurais de Fundo de Pasto, organizando a comercialização de produtos produzidos pelos/as agricultores/as associados/as.

Em contrapartida, muitos empreendimentos do agronegócio se instalaram em Casa Nova, promovendo uma imagem distorcida acerca do desenvolvimento da região, sendo preciso “quebrar” barreiras para discutir e colocar em prática os fundamentos da Convivência com o Semiárido. Além disso, as comunidades sofrem ameaças por grileiros de terras e por mineradoras, que tentam “vender” a ideia que os minérios são a riqueza da Bahia, enquanto destroem famílias, comunidades, natureza, cultura local e memórias.



Foto: Agricultora Rosângela feliz por garantir a segurança alimentar e nutricional da sua família.

Diversidade na produção agroecológica garante segurança alimentar e nutricional à família na comunidade Fundo de Pasto Mimoso em Casa Nova

Cores, texturas e sabores agora estão presentes diariamente na alimentação da família de Rosângela Miranda da Costa (32), seu marido Gilberto Amorim da Costa (40), e seus três filhos que moram no sítio Pé do Morro, na região da comunidade de Fundo de Pasto Mimoso, em Casa Nova-BA. Após diversificar o plantio e a horta, cultivando: milho, feijão, abóbora, mandioca, batata, coentro, alface, tomate, pimentinha, pimentão, beterraba, cenoura, mamão, limão, romã, laranja, goiaba, umbu e acerola, a alimentação da família melhorou significativamente.

O despertar para a possibilidade de ampliar e diversificar o cultivo, foi possível após as atividades da Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecologia na comunidade, pois até então, a família cultivava apenas: feijão, milho, mandioca, batata doce e limão, limitando todo o potencial da Unidade de Produção Familiar (UPF). Rosângela faz questão de mostrar toda sua produção, que por enquanto, tem como foco o consumo da família e doação, ela fala com entusiasmo “Tudo que tem aqui é orgânico, o sabor é diferente. O cheiro do coentro, o sabor do pimentão, o doce da melancia, tudo é diferente”.

A agricultora relata ainda: “Um coentro desse aqui, eu passo com ele praticamente 1 semana do jeitinho que tá aqui, e ele não apodrece. Agora, você compra um coentro na rua, coloca na geladeira, com 2 ou 3 dias já está todo estragado. Isso é de “cortar” o coração, porque a gente sabe que é tudo veneno”. A filha do meio, Raíssa Mirelle (12), adora comer o mamão cultivado pela família, e diz que o que vende na cidade não tem cor, nem sabor, e ainda prejudica a saúde.

Com a assessoria técnica, realizada pela primeira vez na comunidade Mimoso, a família percebeu que podia investir em diferentes cultivos, obteve conhecimentos e desenvolveu práticas agroecológicas, potencializando a qualidade do plantio, contando com a participação de toda a família nos processos de produção mais saudável.

Foto: Raíssa e sua fruta preferida cultivada no quintal de casa.



Assim, para Rosângela, o maior ganho que a assessoria proporcionou foi a segurança alimentar e nutricional, pois conseguiu diversificar a sua produção, deixando a alimentação da família mais saudável.

Além disso, a agricultora que também é presidente da Associação de Fundo de Pasto Mimoso, Melosa, Juá, Salina do Amaro, Água Fria e Tigre, ressaltou a importância dos intercâmbios realizados durante o Projeto, possibilitando que as famílias agricultoras conhecessem outras realidades e vivências. Rosângela cita algumas tecnologias sociais de Convivência com o Semiárido, que conheceu, a exemplo do biodigestor sertanejo. “Queria trazer pra cá o bio-gás. Achei interessante demais, só que fazer individual eu achei muito caro”, conta Rosângela.

Os sistemas de reúso de água também chamaram a atenção da agricultora, entre eles: Bioágua Familiar para Tratamento de Águas Cinzas, Bacia de Evapotranspiração (BET) e Reator UASB para tratamento de Esgoto total. Tecnologias que possibilitam a reutilização das águas consumidas na residência para a agricultura. Rosângela explica que “No período de estiagem, a gente ainda é muito castigado aqui pela falta de água. E a gente fica assim pensando, tanta água que a gente joga fora e some, e a gente não aproveita. (...) A água que vai da pia do banheiro, da pia da cozinha, toda jogada fora. São litros e litros de água que vão embora e a gente poderia estar reaproveitando ela”, tecnologias de saneamento rural que devem ser tratados como direito das comunidades.

O biodigestor e os sistemas de reúso de água, são tecnologias sociais de Convivência com o Semiárido que devem ser garantidos às famílias rurais, por meio de políticas públicas. Assim, além da assessoria técnica, famílias como a de Rosângela, precisam acessar políticas públicas voltadas à construção dessas e outras tecnologias que colaborem com as práticas agroecológicas e o Bem Viver nas comunidades.



Foto: Dona Luzia, senhor Jonas e o técnico Tamillo em uma área de cultivo da família.

Agricultura Sustentável e Autonomia na Comunidade Quilombola de Lagoinha em Casa Nova

Na Comunidade Quilombola de Lagoinha, localizada no interior do município de Casa Nova, floresce uma história de profundo amor pela terra e pela agricultura familiar. Nesse pequeno pedaço de chão, a agricultora Luzia Ferreira dos Santos (63) e seu esposo, Jonas da Rocha (67), residentes na comunidade há mais de quatro décadas, encontraram um modo de vida que se harmoniza com a natureza e promove a autossuficiência alimentar.

Acompanhados pelo Projeto de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecologia, o casal recebeu visitas técnicas, participou de capacitações sobre produção de forragem e técnicas de manejo dos animais que criam em sua propriedade, bem como formações sobre armazenamento e resgate de sementes crioulas. Ambos assumem

a responsabilidade pela distribuição das sementes crioulas do Banco de Sementes da comunidade, que envolve outras 20 famílias e oferece uma variedade de cultivos, tais como: milho capuco fino, feijão, abóbora, guandu, sorgo, leucena, entre outros.

Segundo Luzia, a produção das sementes ocorre durante o período chuvoso. Quando chega a época de plantio, os guardiões procuram Dona Luzia para realizar a retirada no banco de sementes. A ideia é que a cada retirada, seja devolvido o dobro da quantidade inicialmente obtida.

A jornada diária do casal tem início de manhã cedo, com o cuidado de aves, caprinos, ovinos e suínos. Ela prossegue com o cultivo de plantas forrageiras destinadas à produção de ração animal, bem como com os cuidados aos canteiros que produzem coentro, pimentão e tomate para o consumo familiar. Em períodos chuvosos, eles cultivam ainda uma variedade de alimentos, como mandioca, macaxeira, abóbora e feijão. Essa diversidade de culturas tem tornado a família menos dependente de produtos de supermercados.



Foto: Dona Luzia guardiã do banco de sementes.

Situada em um território Tradicional de Fundo de Pasto, a Comunidade Lagoinha, que tem sete famílias beneficiárias no projeto, possui aproximadamente 55 hectares de área coletiva. É nesse espaço que Seu Jonas e outros agricultores praticam o pastoreio de caprinos e ovinos. O manejo e o cuidado desses animais desempenham um papel crucial na subsistência dessas famílias.

De acordo com Dona Luzia, a chegada da ATER Agroecologia trouxe conhecimentos e técnicas que transformaram a vida da família. “Eu acho muita mudança, porque antes a gente não tinha a ideia que a gente tem hoje. Antigamente a gente via as coisas, mas ou você comprava ou tinha que produzir. Hoje eu vejo que a gente tá mais adiantada com essas coisas, porque os técnicos conversam, ensinam e explicam... tanto faz ser na ração quanto as melhores formas de cuidar dos bichos”.

Um exemplo notável é a produção de ração e insumos para a criação de animais. Antes, eles gastavam quantias significativas comprando suplementos minerais para caprinos e ovinos. Entretanto, após receberem assistência

técnica, passaram a produzir esses suprimentos a partir dos recursos da Caatinga, economizando e adotando um manejo mais sustentável.

“No passado, Jonas chegava a gastar até R\$ 600,00 (seiscentos reais) na compra de sal para a criação, mas hoje com o projeto a gente faz sem custar nada. Aqui eu faço com a folha da Caatinga de Porco, a folha da Leucena, a casca de ovo, alho, a vargem do pau ferro. E antes ele comprava por esse valor enorme, mas hoje a gente faz aqui e não precisa gastar”, declara a agricultora.

Houve ainda outros benefícios. Além da redução nos gastos com alimentos e insumos, a família aumentou a produção de grande parte do que consome, garantindo maior autonomia e independência financeira.

“Antes a gente comprava milho, depois do Projeto eu aprendi a plantar leucena e moringa. Nós não compramos nada pra bicho não, é tudo a partir do que a gente faz de ração. Aí quando a gente quiser consumir (carne), tem”.

Foto: Parte da criação de caprinos do casal.



Além disso, avanços notáveis foram observados no estoque de água, já que a família conta com duas cisternas (uma para produção e outra para consumo), bem como acesso a políticas públicas e envolvimento social. Seu Jonas destaca a participação ativa de Dona Luzia nesse aspecto: “Luzia não perde uma reunião, um ato, um movimento”. E ela confirma. “Sempre quem anda lá fora é eu, indo para as reuniões. E aí eu fui indo, fui aprendendo... não que eu não saiba, mas a gente nunca aprende tudo. Eu tenho vontade de aprender mais. Toda vez que tem reunião eu não perco não”.

Seu Jonas avalia que foi por meio das políticas públicas que a comunidade começou a desfrutar de melhor qualidade de vida. “As coisas para o interior, principalmente para o pobre melhorou muito. Porque nós vivemos momentos muito esquisitos nessas comunidades. A gente não tinha assistência nenhuma e hoje os técnicos estão batendo na porta todo dia ensinando. São grandes ajudas. As pessoas se dedicaram mais ao trabalho. Então, eu acho que a coisa melhorou muito. E também tem uma coisa, nós viemos ter um avanço depois do governo Lula.”

A trajetória de Dona Luzia e Seu Jonas é um testemunho inspirador de como a agricultura familiar, aliada ao acesso ao conhecimento por meio de políticas públicas, pode melhorar a qualidade de vida e promover a independência financeira nas comunidades rurais. Assim, é possível afirmar que o Projeto ATER Agroecologia não apenas proporcionou segurança alimentar e autonomia financeira, mas também contribuiu para uma maior conscientização ambiental.

Hoje, a família vive em harmonia com a terra, preservando a Caatinga e desfrutando de uma vida mais saudável e próspera. Agora, o casal pode receber sua família nos fins de semana, como tanto gostam, com a certeza de oferecer uma alimentação mais saudável e de qualidade.

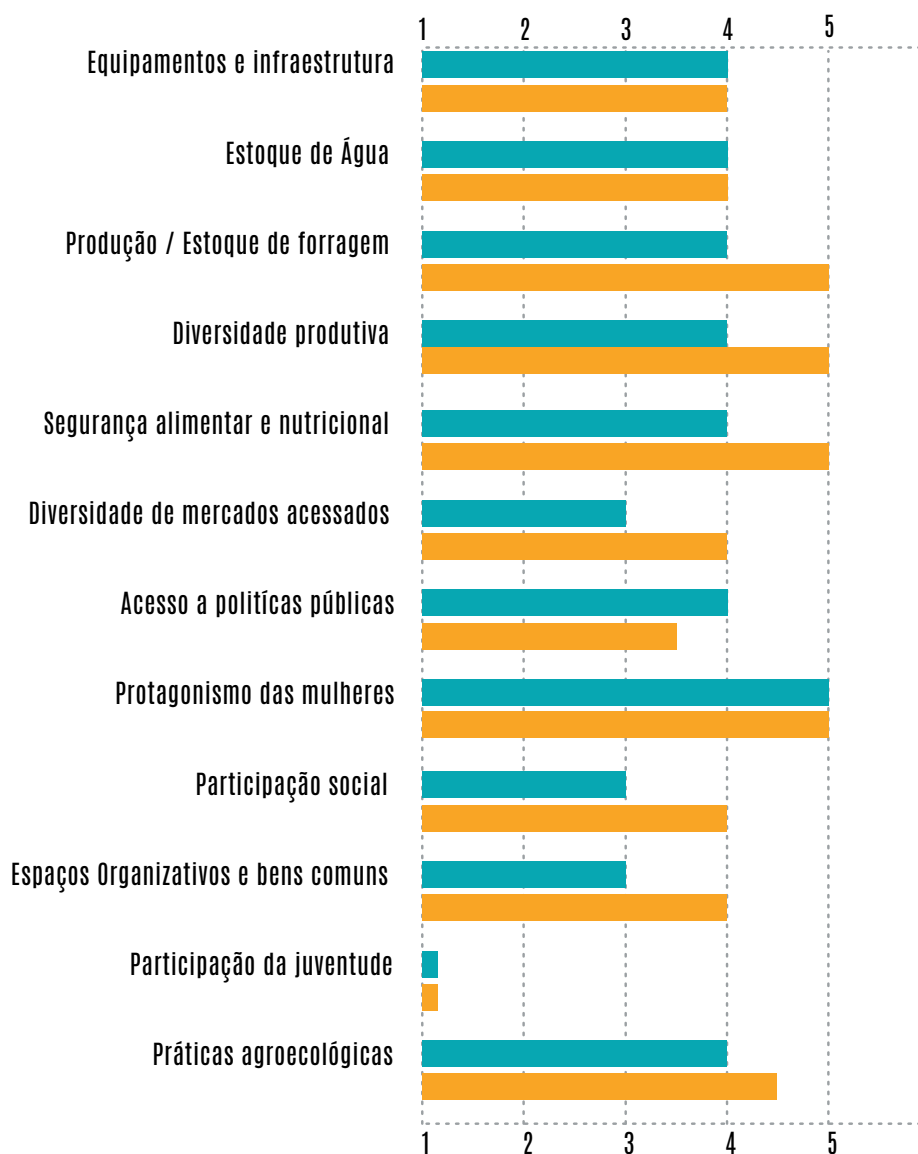
E quem chegou à região na década de 1980, “com apenas um machado nas costas” e o desejo de construir uma família, agora é uma testemunha viva de que é possível conviver com o clima e viver bem nas comunidades rurais do Semiárido Brasileiro.

ANÁLISE DAS CARACTERIZAÇÕES EM CASA NOVA

Agregação das caracterizações dos agroecossistemas de Casa Nova
região Lagoa dos Tintinos (Serra Branca, Salina da Brinca, Ladeira Grande)

2020 2022

1 - Muito baixo
2 - Baixo
3 - Médio
4 - Alto
5 - Muito Alto



A partir da Assessoria Técnica e Extensão Rural na região de Lagoa dos Tintinos (Serra Branca, Salina da Brinca, Ladeira Grande), em Casa Nova, com a participação das famílias agricultoras foi possível avançar em alguns pontos essenciais para a implementação da Convivência com o Semiárido nessas comunidades, comparando o início e final do projeto.

- Equipamentos e Infraestrutura

Em relação aos equipamentos e infraestrutura, houve poucas mudanças, uma vez que, neste projeto não foi previsto orçamento para colaborar com o avanço na aquisição de equipamentos e na melhora da infraestrutura na Unidade Produtiva Familiar (UPF). Sendo assim, as famílias mantiveram o mesmo padrão. Importante destacar que a falta de energia elétrica, em pleno século XXI, em algumas comunidades impossibilita o uso de equipamentos que possam substituir e facilitar os trabalhos manuais. Além disso, são poucas famílias que têm a cisterna de produção, que ajudaria muito na produção dos quintais.

- Estoque de água

As famílias têm disponibilidade hídrica que atende metade dos subsistemas e a demanda da residência. Todas possuem cisterna de consumo humano; algumas têm cacimba, barreiro comunitário, lagoa e poços tubulares para consumo dos animais. Ainda há necessidade de mais tecnologias de armazenamento de água de chuva para garantir o estoque durante os meses de estiagem.

- Estoque de forragem

A maioria das famílias aumentaram a produção e estoque de forragem, garantindo também a conservação da ração para alimentação da criação durante os períodos de estiagem, no entanto, algumas famílias ainda têm dependência do mercado para compra de grãos. A produção de forragem, geralmente, é feita a partir da: melancia forrageira, palma forrageira, fava, pornúncia, feno de mandioca, ensilagem de milho, reserva de pastagem, além do excedente dos roçados.

- Diversidade produtiva

A diversidade produtiva das famílias aumentou, a exemplo, de algumas que iniciaram a criação de abelhas (Ápis melífera) e cultivo de macaxeira, indo além da criação de caprinos, ovinos, avicultura e as plantações de culturas anuais como: feijão, milho, mandioca, abóbora e melancia.

- Segurança alimentar e nutricional

A segurança alimentar e nutricional das famílias melhorou significativamente, a partir das práticas agroecológicas. A maioria dos agroecossistema dispõe de alimentos de qualidade e diversidade, as famílias já não dependem só do mercado para se alimentar, pois grande parte dos alimentos vem dos subsistemas da propriedade.

Assim, muitos agricultores e agricultoras se sensibilizaram para a importância de produzir no próprio quintal, como alternativa para ter uma alimentação de qualidade, livre de agrotóxicos; além de contribuir com a renda familiar com a comercialização dos excedentes.

- Diversidade de mercados acessados

O acesso aos mercados ainda é uma dificuldade para as famílias. A forma de comercialização mais utilizada é a feira livre do município e a venda de porta em porta na própria comunidade. Algumas famílias já comercializam através das organizações comunitárias para o Programa de Aquisição de Alimento (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

- Acesso a políticas públicas

As famílias acessam políticas públicas como Garantia Safra, aposentadoria rural e algumas linhas de crédito do Banco do Nordeste e o PNAE. Com o retorno do PAA, grande parte dessas famílias também tiveram a oportunidade de acessá-lo.

- Protagonismo das mulheres

Nessas comunidades, o protagonismo das mulheres é muito forte, seja na família, nos processos produtivos dos alimentos, na participação social (espaços políticos organizativos, como diretoria da associação; e redes de conhecimentos e aprendizagens, como a Rede Mulher) ou em outras atividades relacionadas à geração de renda e desenvolvimento socioeconômico no campo.

- Espaços organizativos e bens comuns

Há integração dessas famílias nas ações da associação comunitária, da igreja e participação coletiva da comunidade na gestão dos agroecossistemas e acesso aos mercados.

- Participação da juventude

As comunidades possuem um quantitativo pequeno de jovens, e esses não são ativos na participação organizativa. Mas com o trabalho realizado voltado para juventude foi iniciada uma sensibilização para que esses jovens despertem o interesse em participar das organizações comunitárias e dos grupos de jovens das comunidades.

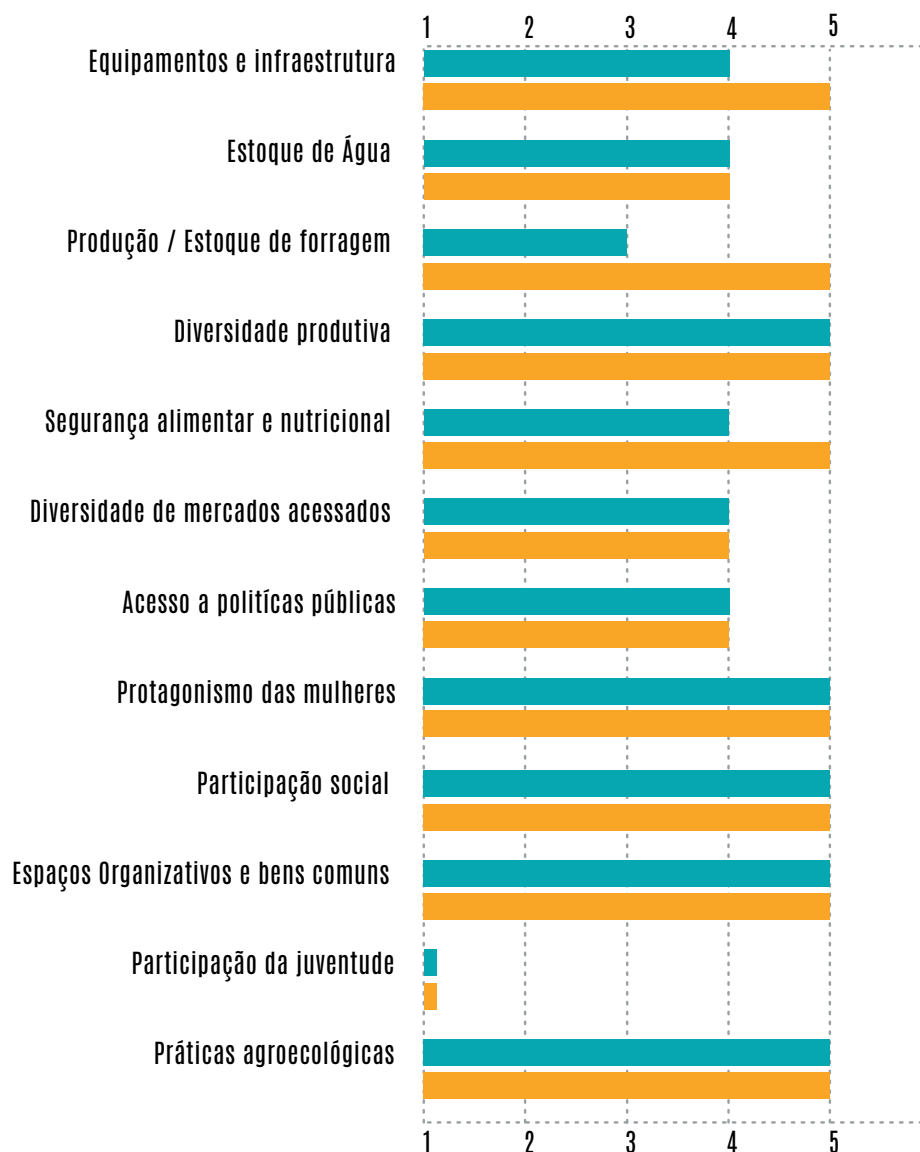
- Práticas agroecológicas

As famílias assessoradas aumentaram as práticas agroecológicas realizadas na propriedade, como: consórcio de culturas, utilização de cobertura morta sobre solo, adubação orgânica com esterco dos animais, controle alternativo de pragas, pousio, poda e conservação das sementes para plantio no ano seguinte.

Agregação das caracterizações dos agroecossistemas de Casa Nova região Mimoso (Melosa, Juá, Salina do Amaro, Água Fria, Tigre e Salãozinho)

2020 2022

1 - Muito baixo
2 - Baixo
3 - Médio
4 - Alto
5 - Muito Alto



Vamos observar abaixo os avanços gerados a partir da ATER Agroecologia na região de Mimoso (Melosa, Juá, Salina do Amaro, Água Fria, Tigre e Salãozinho), em Casa Nova, comparando o início e final do projeto.

- Equipamentos e Infraestrutura

As famílias tiveram um avanço, melhorando as condições das infraestruturas e dos equipamentos como: apriscos, pocilga, galinheiros, locais de armazenamento de ração, roçados, dividindo e organizando as áreas. Mesmo de forma rústica tem atendido às necessidades, buscando o conforto animal, ajudando a aumentar a produtividade dos rebanhos.

- Estoque de água

Devido à falta de políticas públicas voltadas à construção e instalação de tecnologias voltadas à captação de água de chuva nos últimos anos na região semiárida, esse parâmetro permaneceu estável.

- Produção/Estoque de forragem

As famílias têm uma área estratégica de palma e capim, e impulsionaram a confecção de silagem e feno que são a salvação dos rebanhos nos períodos de estiagem.

- Diversidade produtiva

As famílias mantiveram uma produção diversa com a criação de pequenos animais (galinha, caprinos, ovinos, suínos, aves); roçados (mandioca, feijão, milho, abóbora, melancia, sorgo); hortaliças (coentro, cenoura, beterraba, pimentinha, pimentão); palma forrageira e algumas fruteiras.

- Segurança alimentar e nutricional

Teve uma melhora significativa, pois as famílias começaram a consumir mais os alimentos produzidos na Unidade Produtiva Familiar, principalmente, hortaliças, ovos, carne produzida nas comunidades, diminuindo a dependência do mercado convencional.

- Diversidade de mercados acessados

As famílias passaram a acessar o PNAE pela associação comunitária, comercializam nas feiras livres e vizinhança, além dos atravessadores. Além da cooperativa que contribui no processo de comercialização.

- Acesso às políticas públicas

As políticas públicas são muito importantes para as famílias rurais se manterem no campo como: o PNAE, Bolsa Família, Programa de Cisterna, ATER, Bahia Produtiva, Garantia Safra, Aposentadoria Rural, PRONAF (Agroamigo). Durante o período de acompanhamento, não houve alterações em relação ao acesso às políticas públicas.

- Protagonismo das mulheres

As mulheres são bem atuantes tomando decisões sobre a unidade produtiva, nos subsistemas e tem papel de liderança nas comunidades, buscam sempre estarem ocupando espaços onde antes era um tabu para as mulheres. Coordenam grupos em igrejas, assumem cargos importantes na diretoria das associações.

- Participação Social

As famílias estão sempre nas associações participando das decisões, buscam ser lideranças dentro das comunidades, estão sempre abertos a novos aprendizados e marcam presença em eventos e intercâmbios.

- Espaços organizativos e bens em comum

As famílias participam dos mutirões, manifestações culturais, lideram grupos para participar de eventos esportivos, organizam eventos nas igrejas católicas e evangélicas.

- Participação da juventude

A juventude integra os processos das Unidades de Produção Familiares e participa de eventos da associação, buscando aprendizados através da experiência dos mais velhos.

- Práticas agroecológicas

As famílias são bem politizadas sobre o uso de práticas naturais que ajudam a desenvolver e potencializar a produção sem agredir o meio ambiente. Após a assessoria técnica, as famílias passaram a incorporar a utilização de esterco no solo, uso de biofertilizantes, compostagem orgânica, caldas naturais no controle e prevenção de doenças e pragas. Hoje, também já utilizam meios digitais como aliados na busca de novas técnicas para aplicar nas unidades produtivas.

Analisando os gráficos gerados a partir dos itens destacados das caracterizações das famílias assessoradas em Casa Nova, fica evidente a importância da Assessoria Técnica para a melhoria da qualidade de vida no campo neste município. No entanto, um grande desafio chama a atenção, que é o trabalho com as juventudes rurais de Casa Nova, pensando também na sucessão no campo. Talvez, as metodologias e finalidades da ATER atual não sejam atrativos para os jovens, precisando serem repensados. Outro ponto que não percebemos evolução foi no estoque de água, que muito se deve à falta de políticas públicas federais nesse indicador no período de execução do projeto.

CONQUISTAS E AVANÇOS PARA ALÉM DA ASSESSORIA TÉCNICA



O edital emergencial 015/2020 foi um apoio não reembolsável voltado às famílias rurais e à segurança alimentar e nutricional, aumentando a produção dos quintais produtivos agroecológicos e melhorando a criação de galinhas capoeiras, possibilitando maior produção de carne e ovos, e a comercialização dos excedentes, gerando renda extra para as famílias. Na comunidade Mimoso, por exemplo, foram construídos 22 galinheiros com 2 canteiros rústicos para produção de hortaliças.

A agricultora Maria de Lourdes Costa Amorim seguiu à risca o propósito do edital e com assessoria técnica prestada pela ATER Agroecologia aumentou o plantel de galinhas, e potencializou a produção de hortaliças. Hoje, ela está produzindo cenoura, beterraba, cebolinha, alface, coentro, pimentão e pimentinha, diversificando a produção e também abrindo caminhos para a comercialização do excedente na própria comunidade. Dona Maria ainda faz compostagem com o esterco das galinhas e dos ovinos, utiliza caldas agroecológicas no controle e prevenção de doenças e pragas, realiza rotação e consórcios de culturas ajudando no desenvolvimento das hortaliças.

Foto: Dona Maria de Lourdes contemplando a sua produção orgânica.





Foto: Fortalecimento do processo participativo da Juventude da comunidade.

Juventude colocando em prática o Fundo Rotativo Solidário

A comunidade tradicional de Fundo de Pasto Serra Branca tinha muita potencialidade local, mas, faltava incentivo para que houvesse integração e reconhecimento de identidade. Nesse sentido, após analisar as perspectivas dessa localidade, o Irpaa investiu na sensibilização dos jovens, almejando o engajamento no processo participativo, destacando a importância do campo sustentável para esses jovens, e afirmando a produção de forma agroecológica garantindo seus próprios alimentos de forma saudável. Nesse contexto, a educação assumiu um papel importante para a formação da base desses jovens, tanto nos aspectos do conhecimento, quanto no fortalecimento da personalidade do indivíduo, exercendo grande parcela de responsabilidade sobre as oportunidades e escolhas dos jovens.

Vale destacar, que através da oportunidade do projeto de ATER, foram construídos passos importantes de forma didática na realização de oficinas e intercâmbios com o intuito de provocar e motivar os jovens a desenvolverem atividades voltadas para a segurança alimentar e geração de renda. Após o trabalho, houve um despertar dos jovens para a ação coletiva de uma horta agroecológica com o apoio da assessoria técnica.

Depois desse processo de formação os jovens acessaram o Fundo Rotativo Solidário, que funciona como uma poupança comunitária gerida coletivamente para fortalecer a agricultura familiar. Essa poupança foi formada por meio de doações voluntárias do Irpaa para estruturação da horta e fortalecimento da juventude. A pessoa jovem, que acessa o fundo deve utilizá-lo, gerar renda e, posteriormente, devolver para o fundo o valor adquirido, para que circule dentro dos membros e todos tenham chance de usá-lo.

Como planejado durante o decorrer do projeto, os resultados alcançados nesse processo de fortalecimento dos Fundos Rotativos Solidários, foram: melhor segurança alimentar da comunidade; envolvimento e participação dos jovens; geração de renda extra para os jovens a partir da produção e comercialização de hortaliças na comunidade e na cidade. Os jovens ainda realizam um trabalho de solidariedade, realizando doações de seus produtos para as pessoas em estado de vulnerabilidade social além de realizarem arrecadação e distribuição de alimentos.



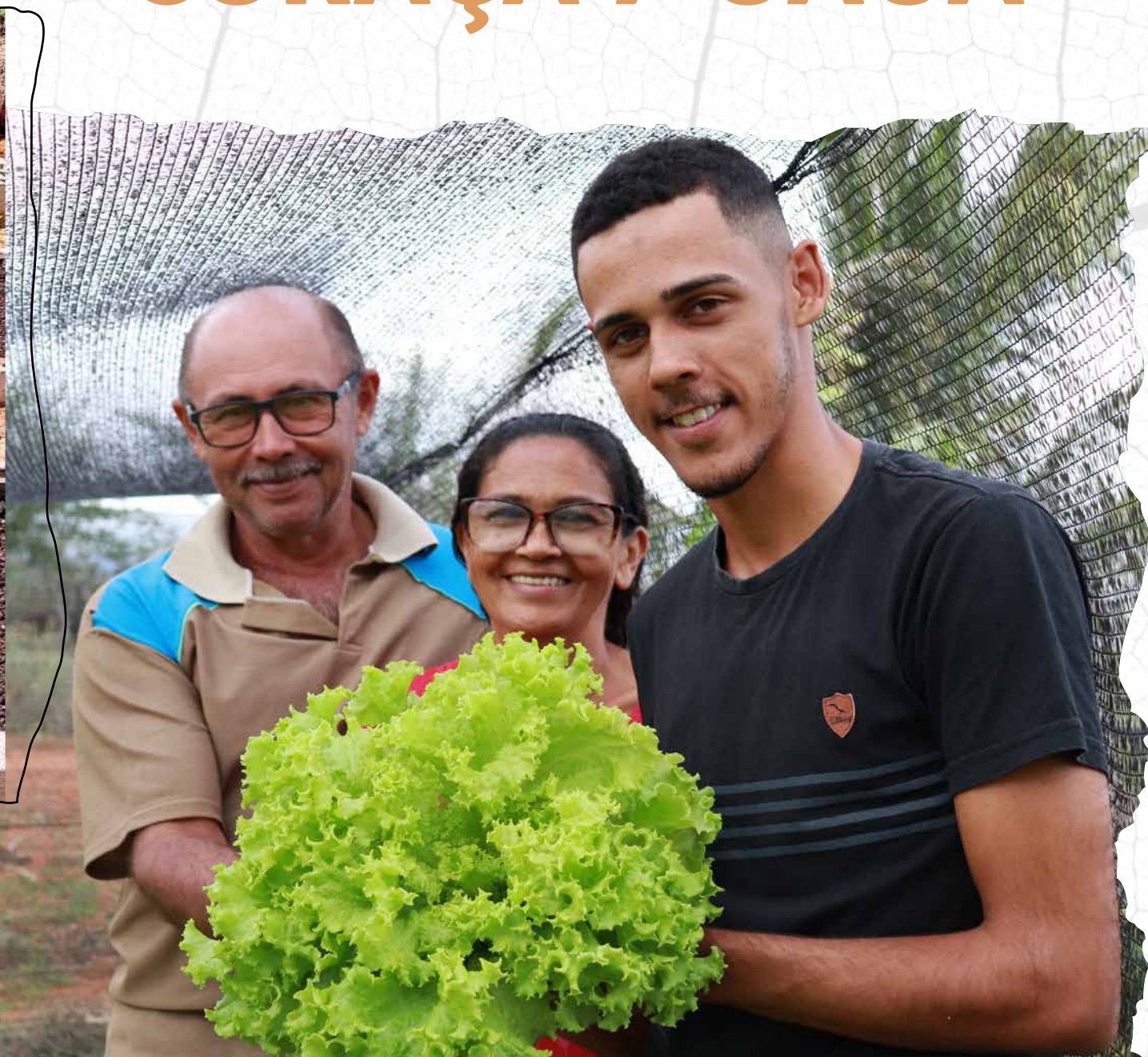
Foto: Horta produzida pelas jovens através do Fundo Rotativo Solidário.





SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

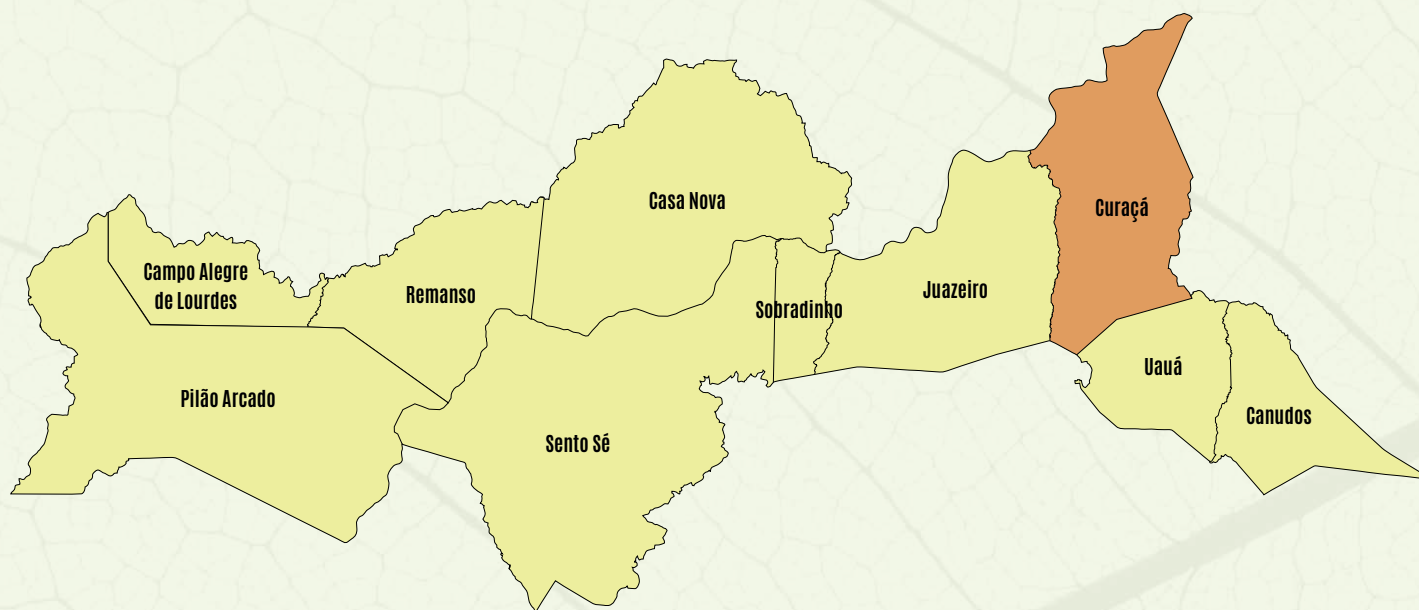
CURAÇÁ / UAUÁ



APRESENTAÇÃO DO MUNICÍPIO

O município de Curaçá, localizado a mais de 547,6 km da capital baiana, Salvador, compreende uma área territorial de 5.950,614 km², de acordo com o censo do IBGE de 2022. Com uma população estimada em mais de 34 mil habitantes.

Imagem 02: Mapa do Território Sertão do São Francisco com destaque no município de Curaçá.



Em Curaçá, a ATER Agroecologia assessorou as comunidades: Frade, Riacho Seco, Sítio de Alexandre/Santana, Patamutê e Capuchú, com distância média de 90 km da sede do município. Próximo ao limite geográfico, porém já no município de Uauá, a comunidade de Barra da Fortuna, na região de Caratacá, também foi assessorada pelo Projeto. Nessas comunidades foram assessoradas 80 famílias, sendo 46 mulheres (57,5%), 16 jovens (20%) e 18 homens (22,5%) assessorados pelo projeto.

As comunidades possuem características semelhantes, a exemplo das manifestações culturais, como: São Gonçalo, corrida de argolinha, reisado, quadrilhas juninas; além de serem auto reconhecidas e certificadas como comunidades tradicionais de Fundo de Pasto. Em suas terras são produzidas culturas de sequeiro como: milho, feijão de corda, melancia, abóbora, mandioca; hortaliças; fruteiras e animais de pequeno e médio porte como: caprinos, ovinos, galinha e suínos. Além da realização do extrativismo de algumas plantas nativas da Caatinga

como: umbu, maracujá do mato, angico e jurema para o autoconsumo da família, uso medicinal e venda. Sempre praticando o extrativismo de forma sustentável, pois entendem que este processo é valioso para garantir a próxima colheita e a conservação da Caatinga.

Sabe-se que o tamanho apropriado da terra é fundamental para a garantia da permanência das famílias nas comunidades, bem como, para promover qualidade plena de vida no Semiárido. No entanto, a realidade das comunidades contradiz esse ideal, uma vez que, a média é de 5 hectares por família.

Contudo, as iniciativas para garantir o acesso à terra em tamanho apropriado ainda são insuficientes, o auto reconhecimento e certificação são alguns caminhos já percorridos por essas comunidades, porém é necessário avançar no processo de regularização dos territórios. Assegurar o território para as comunidades cria possibilidades de defesa contra a chegada de grandes empreendimentos, além de mitigar os efeitos das mudanças climáticas, com a preservação do bioma local e promoção de um ambiente equilibrado para as futuras gerações.

As comunidades mencionadas possuem associação comunitária, que tem centralizado esforços para representar de maneira mais eficaz os interesses comuns, buscando melhores condições de vida e infraestrutura para as famílias, além de promover ações que visem desenvolvimento social e cultural.

Foto: Extrativismo do umbu na comunidade de fundo de pasto





Foto: Parte da família acolhedora de dona Maria.

Diversidade produtiva, redução de gastos e novas perspectivas para o futuro marcam família na comunidade Fundo de Pasto Santana em Curaçá

Ao passar pela porteira, o nosso olhar é fisgado pelas cores, formatos e belezas das diversas flores que dão ainda mais harmonia à casa charmosa e acolhedora da família de dona Maria da Cunha Santana (76), na comunidade Fundo de Pasto Santana, no município de Curaçá. A receptividade, a atenção e o cafezinho oferecido com muito afeto, nos faz sentir em casa.

A família que se formou nesta comunidade, buscou outras formas de vida na sede do município, mas após a aposentadoria de dona Maria e o senhor Otávio, a família retornou para o seu pedaço de chão, onde vive melhor e feliz. Atualmente, na propriedade de dona Maria, contribuem com as atividades de casa, do cultivo e da criação de animais, quatro pessoas: ela, o marido Otávio Neves de Santana (80) e dois filhos do casal, Adilson Cunha Santana (48) e Arnaldo Cunha Santana (54).

Às 5h da manhã, as atividades começam na Unidade de Produção Familiar (UPF). A primeira atividade é o manejo dos animais: caprinos, ovinos e aves; em seguida se dedicam aos cuidados com as hortaliças, verduras e fruteiras: alface, coentro, beterraba, cebola, cenoura, pimenta de cheiro, tomate, pinha, goiaba, limão, acerola, melancia; depois seguem para roça. No período da tarde, a maioria dessas atividades se repete.

O cultivo tem como prioridade a segurança alimentar e nutricional da família, sendo comercializado apenas o excedente na própria comunidade. O agricultor Adilson, relembra “Era só duas hortaliças que a gente cultivava, o coentro e o alface. Após a assessoria, a gente conheceu a técnica de cultivo das outras hortaliças e também a gente não usa nenhum agrotóxico. O esterco é o nosso adubo. Para controlar alguma praga, utilizamos as caldas naturais, que aprendemos também com o técnico”.

Foto: Adilson fazendo a colheita para o almoço.



Assim, após o início do Projeto de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecologia na comunidade, a produção da família aumentou em diversidade, quantidade e qualidade, colaborando com a segurança alimentar e nutricional, além de contribuir com a redução de gastos, como conta Adilson. “A gente economizou bastante, não indo comprar na cidade. Se a gente gastava 150 reais por mês, esse 150 já é destinado para outra coisa. Sem contar que o que a gente produz é com qualidade, não tem nada com agrotóxico, é tudo orgânico”.

Em relação aos intercâmbios realizados durante o Projeto, a experiência da Agrocaatinga, na comunidade Caldeirão dos Lalaus, em Uauá, chamou a atenção de Edilson, que pretende colocar em prática na sua propriedade, conciliando o cultivo de maracujá do mato, pinha, goiaba, por exemplo, em harmonia com a vegetação da Caa-tinga. O agricultor conta também que pretende investir na apicultura, pois já tem as caixas de abelha, adquiridas através de projetos, também assessorados pelo Irpaa.

Os relatos e vivências da família provam o quanto as políticas públicas de ATER são fundamentais para propiciar melhor perspectiva e qualidade de vida para os agricultores e agricultoras do Semiárido. Evidenciando que a forma de Conviver com esta região e o acesso aos direitos básicos das famílias sendo respeitados, são o caminho para se alcançar o tão sonhado Bem Viver da sociedade.



Cultivo agroecológico contribui com aumento da renda familiar na comunidade tradicional Fundo de Pasto Pedra Grande em Uauá

Levantar antes do sol nascer; arrumar as leguminosas, raízes, hortaliças e frutas no carro; seguir em direção ao centro de Uauá; organizar a barraca com a produção agroecológica; aguardar os visitantes da feira; comercializar os alimentos saudáveis; interagir e trocar experiências com os/as outros/as agricultores/as; e voltar para casa com o carro, praticamente, vazio. Assim, são as manhãs de toda segunda e sexta-feira da agricultora Railda Ferreira Matos dos Santos (52), que junto ao seu marido, o agricultor José Gomes de Almeida (56), comercializam os alimentos produzidos de forma agroecológica na feira livre e também na Feira da Sociobiodiversidade, ambas em Uauá-BA.



Dona Railda, seu José e o filho mais novo do casal, Jadilson Ferreira de Almeida (21), moram na comunidade de Fundo de Pasto Pedra Grande, que integra a comunidade Barra da Fortuna, em Uauá. Comunidade na qual a família de José mora há quatro gerações, mantendo viva a tradição do cultivo e da comercialização nas feiras. José relembra de forma afetiva da infância, de quando acordava às 3h da manhã, e seguia com os pais andando, percorrendo o trecho de 12 Km, com cesto de verduras na cabeça e lata de ovos nas mãos, para vender na cidade.

Foto: A felicidade de quem cultiva de forma agroecológica.

O cultivo e a comercialização já estão no “sangue” desta família, mas após a Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecologia, foi possível potencializar a produção em quantidade, qualidade e diversidade; além de obter acesso a outros mercados. A família que já cultivava e evitava utilizar agrotóxico, pois já compreendia seus malefícios, passou a ter mais conhecimento através das atividades individuais, coletivas e intercâmbios realizados durante o Projeto, possibilitando adquirir aprendizagens e partilhar experiências sobre manejo do solo, importância da adubação, preparo de compostagem e controle de pragas com defensivos naturais, por exemplo, garantindo uma produção realizada através das práticas agroecológicas.

Sobre o aumento da produção, José conta que “A gente aprendeu a fazer a compostagem e as hortaliças desenvolveram mais rápido”. Dona Railda também destaca: “Foi através do controle natural de pragas que a gente conseguiu controlar os pulgões, fazendo a mistura do nim, fumo, álcool, detergente (...) Antes a gente não tinha o controle, a gente arrancava e dava para as galinhas”, o que gerava um prejuízo para a Unidade de Produção Familiar (UPF).

Como consequência da maior produção e melhor qualidade do cultivo, a família conseguiu acessar outros mercados. Além da feira livre e da venda na própria comunidade, Railda e José passaram a comercializar na Feira da Sociobiodiversidade, voltada a produção agroecológica; começaram a fornecer ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do município e se tornaram cooperados da Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC).

Foto: Comercializando alimentos agroecológicos.



Assim, com o aumento das práticas agroecológicas, da variedade produtiva e da diversidade de mercados acessados, a renda familiar cresceu, possibilitando mais investimento na produção. “Aumentou a nossa renda uns 80%, com isso, a gente conseguiu comprar um tratorito para trabalhar na terra, pois antes era através de animais”, comemora Railda.

A agricultora que participa de todo processo de produção e comercialização, e ainda é a maior responsável pelos afazeres domésticos, passou a utilizar a caderneta agroecológica, um instrumento político pedagógico que dá visibilidade ao trabalho das agricultoras, contribuindo para sua autonomia. “Com a caderneta eu vou sabendo o que eu estou produzindo, gastando, ganhando. Consigo ter maior dimensão da minha contribuição nas atividades da casa, do cultivo...”, conta Railda.

Assim, com uma produção diversificada, saudável, colorida e saborosa, que conta com: feijão, milho, aipim, coentro, alface, pimentão, cebolinha, couve, mexerica, goiaba, mamão, abacate, acerola, manga, melancia, e maracujá do mato, a família de Railda pôde, através do Projeto ATER Agroecologia potencializar a produção e comercialização de alimentos agroecológicos, contribuindo com a segurança alimentar e nutricional da sua família; proporcionando que outras pessoas tenham acesso a alimentos saudáveis e conservando o solo, a água e a vegetação da Caatinga.

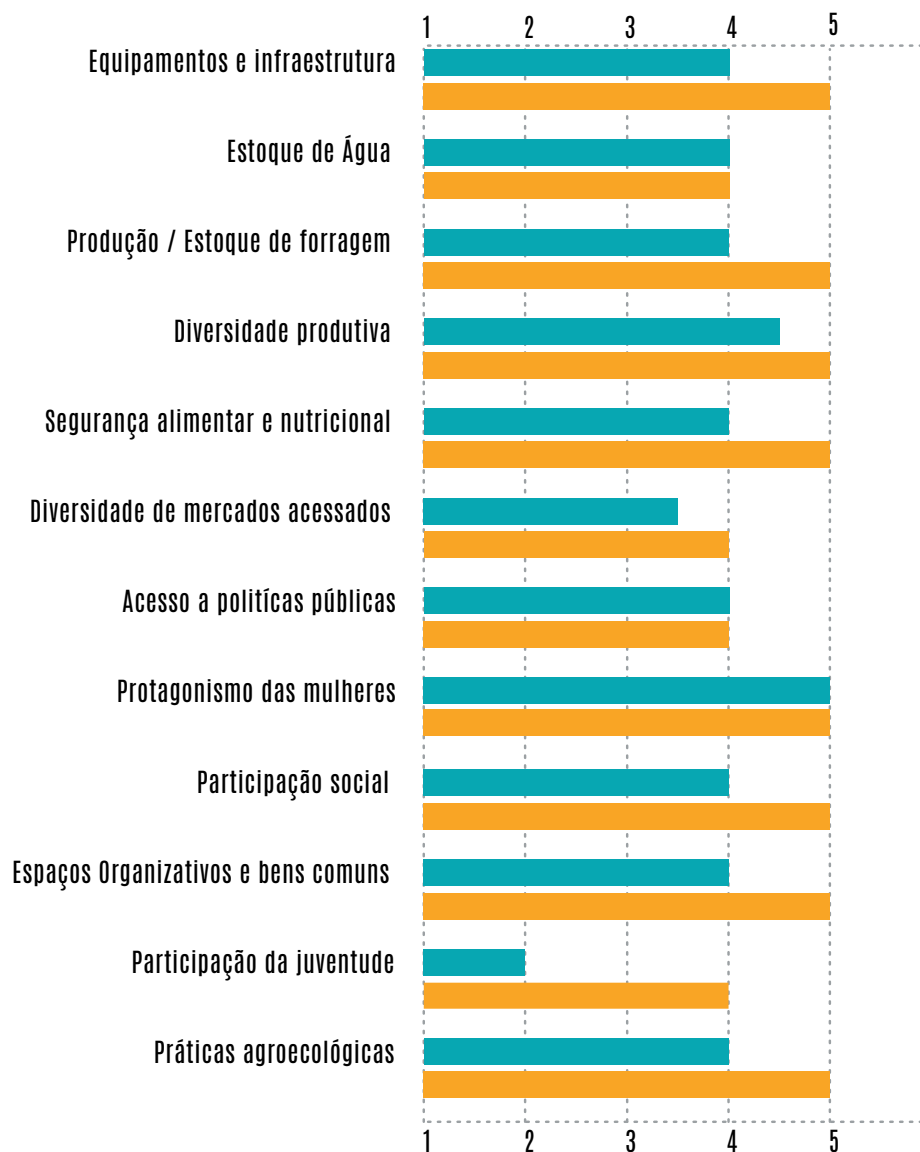


ANÁLISE DAS CARACTERIZAÇÕES EM CURAÇÁ E UAUÁ

Agregação das caracterizações dos agroecossistemas de Curaçá e Uauá

2020 2022

1 - Muito baixo
2 - Baixo
3 - Médio
4 - Alto
5 - Muito Alto



Os dados apontados, evidenciam que houve avanços importantes na vida das famílias nos municípios de Curaçá e Uauá assessoradas pela ATER Agroecologia, comparando o início e final do projeto. Vamos conferir abaixo:

- Equipamentos e Infraestrutura

As famílias obtiveram melhoria na infraestrutura, com a aquisição e inserção de equipamentos adequados à produção no clima semiárido o que contribui para melhorar as atividades nas unidades de produção familiar, como viveiro telado, que colabora para evitar o ataque de pragas e diminuir incidência solar nas hortaliças.

- Estoque de água

A tecnologia de reúso e o canteiro econômico que algumas famílias possuem tem sua contribuição na reutilização e gestão da água, condições que facilitam o desenvolvimento do agroecossistema.

- Produção/Estoque de forragem

Com a construção e limpeza de alguns reservatórios (tanques e barreiros), em algumas comunidades, a necessidade hídrica de algumas famílias foi acalentada, favorecendo a produção de forragens (palma e leucena), consequentemente, melhorando o armazenamento e estocagem de alimento para os animais no período de escassez, além de permitir ampliar a diversidade de produção de outras cultivares e de outras espécies animais, contribuindo de forma satisfatória com a segurança alimentar e nutricional dessas famílias.

- Diversidade produtiva

A partir da ATER, muitas famílias aumentaram a diversidade produtiva, melhoraram o manejo das cultivares sazonais e fortaleceram o cultivo e produção de outras culturas como hortaliças e fruteiras, possibilitando a comercialização do excedente em diferentes mercados.

- Segurança alimentar e nutricional

Com a maior produção e diversidade, as famílias assessoradas melhoraram a qualidade da alimentação, ao consumir produtos nutritivos, sem veneno e de origem conhecida e segura, o que certamente contribuiu para melhorar a segurança alimentar e nutricional.

- Diversidade de mercados acessados

Como consequência da ATER e do aumento da produção, foi possível comercializar o excedente, permitindo o acesso a novos mercados como feiras agroecológicas e o mercado institucional com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

- Acesso às políticas públicas

Nessas comunidades assessoradas, o Edital Emergencial 015 do Bahia Produtiva se fez essencial neste contexto, possibilitando o acesso das famílias a estruturas de quintais produtivos (galinheiros rústicos e viveiros telados com canteiros econômicos), contribuindo para maior produção dos/das agricultores/as.

- Protagonismo das mulheres

A falta de incentivo do último governo federal (2019-2022) em relação às comunidades rurais, em especial, as mulheres do Semiárido e a pandemia da COVID-19, aumentaram a força e resiliência na luta pelo conhecimento e organização, fortalecendo a participação e protagonismo das mulheres em ações como: produção e gestão, defesa dos territórios, divisão justa do trabalho, acesso a feiras e outros mercados, maior interação comunitária, ocupação de cargos organizacionais entre outros.

- Participação Social

As famílias melhoraram participação em espaços sociais importantes como: associação, cooperativa, atividades coletivas, intercâmbios de conhecimento e troca de experiências, fortalecendo os debates e ocupando cargos de gestão e organização.

- Espaços organizativos e bens em comum

Maior participação da comunidade nos espaços da organização comunitária (associação) e cooperativa, fortalecendo a dinâmica e culturas como: mutirões, relações de doação, troca e uso coletivo de equipamentos e bens comunitários.

- Participação da juventude

Juventude participando de espaços políticos e de aprendizado, atividades coletivas, intercâmbios de conhecimento e troca de experiências, ocupando cargos organizativos (associação), animando e fortalecendo grupos de jovens comunitários.

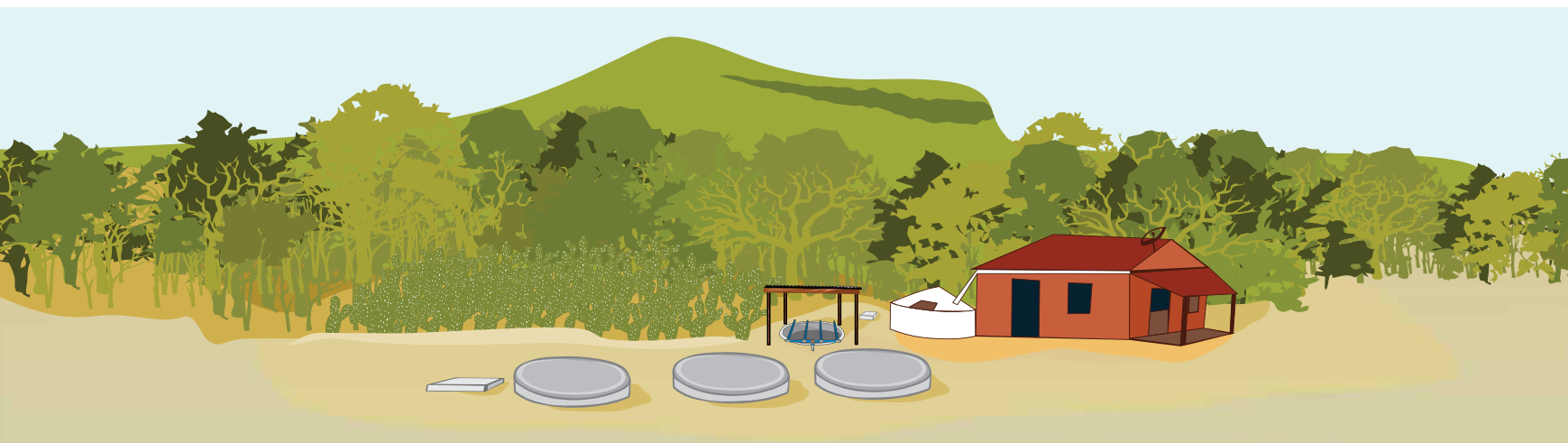
- Práticas agroecológicas

A partir da assessoria, houve consideráveis mudanças, desde a melhoria de manejo das práticas agroecológicas, com a produção e uso de composto orgânico, defensivos naturais de controle de pragas e doenças das culturas, produção de sal vermífero e vitamínico e iodo natural, a partir de plantas da Caatinga.

Desse modo, é possível afirmar que os avanços são decorrentes de um conjunto de ações, que integradas têm proporcionado melhoria na qualidade de vida destas famílias e comunidades do Semiárido.

CONQUISTAS E AVANÇOS PARA ALÉM DA ASSESSORIA TÉCNICA

Sistema de Tratamento do Esgoto Total Familiar



O Reator UASB, uma tecnologia de tratamento biológico de esgoto total, com base na decomposição anaeróbia da matéria orgânica, realiza o tratamento eficiente de todo efluente doméstico gerado na residência familiar, que apresenta quatro elementos, sendo estes: água, nutrientes, matéria orgânica e microrganismo. Diante desta compreensão, o sistema de tratamento com reator UASB e lagoas de polimento fazem a remoção de matéria orgânica, a partir de bactérias; em seguida, as lagoas de polimento fazem a desinfecção do efluente, a partir dos raios solares numa variante de cinco (5) a sete (7) dias; gerando reações bioquímicas desempenhadas neste ambiente com auxílio de outros microrganismos.

Essa tecnologia foi implantada nas comunidades de Santana, no Distrito de Patamutê, (oito); Frade, distrito de Riacho Seco (11), ambas no município de Curaçá. Além da comunidade Caiçara, no distrito de Abóbora, município de Juazeiro- BA (11), totalizando 30 tecnologias nessas comunidades assessoradas pela ATER Agroecologia.

Considerando o déficit hídrico na região semiárida brasileira em boa parte do ano, essa tecnologia garante a reutilização das águas de uso doméstico para a produção nos quintais agroecológicos, ao mesmo tempo em que promove o saneamento básico rural para as famílias do campo, pois contribui com ações relevantes de combate e controle de vetores e doenças, o que se faz necessário para a promoção da saúde e da qualidade de vida.

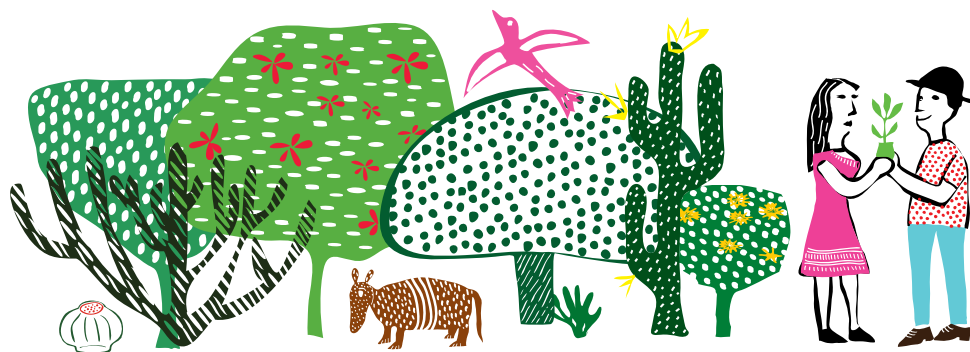
Diante o exposto, tais iniciativas confirmam contribuição ao equilíbrio ambiental, à segurança hídrica, alimentar e nutricional das famílias e das criações, bem como, o fortalecimento de ações de Convivência com o Semiárido, promoção de saúde e Bem Viver dos povos do campo. A instalação dos reatores foi possível através de parceria com a Cooperação Alemã e a Cáritas Alemã.

Foto: Sistema Reator Uasb Familiar.





RECAATINGAMENTO



RECAATINGAMENTO

O Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), tem somado esforços desde 2009, para testar uma experiência inovadora em prol da recuperação e conservação de áreas degradadas do Bioma Caatinga. As ações de Recaatingamento são experiências e práticas de cunho coletivo desenvolvidas pelas comunidades rurais, como: isolamento da área que deseja recuperar e elaboração do plano de manejo da Caatinga.



Foto: Salve a nossa Caatinga em pé.

O principal objetivo da proposta é recuperar e conservar a biodiversidade da Caatinga e, consequentemente, mitigar os efeitos das mudanças climáticas. Essa experiência foi realizada nas comunidades Santana, distrito de Patamutê; Frade, distrito de Riacho Seco, ambas no município de Curaçá, e na comunidade Caiçara, distrito de Abóbora, no município de Juazeiro, todas assessoradas pela ATER Agroecologia.

A experiência tem apresentado avanços muito satisfatórios na recuperação de áreas degradadas. Já é evidente a melhor conservação do solo nas áreas experimentais e futuramente será possível comprovar o aumento do estoque e sequestro de carbono CO² nessas áreas.

Dessa forma, o Recaatingamento, produz resultados significativos para o meio ambiente através das metodologias e técnicas apropriadas para barrar o crescente processo de desertificação nas comunidades, potencializando a conservação da biodiversidade local e fortalecendo a organização comunitária, despertando a consciência ambiental. A desertificação é de fato uma ameaça ao bioma Caatinga e, consequentemente, às famílias e às comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, pois essas dependem deste bioma para sobreviverem.

A partir do exposto, essa experiência representa um papel relevante na transformação socioambiental e protagonismo das famílias envolvidas, assim como evidencia que a conservação da Caatinga é uma garantia de vida digna para a população dessas comunidades.

SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

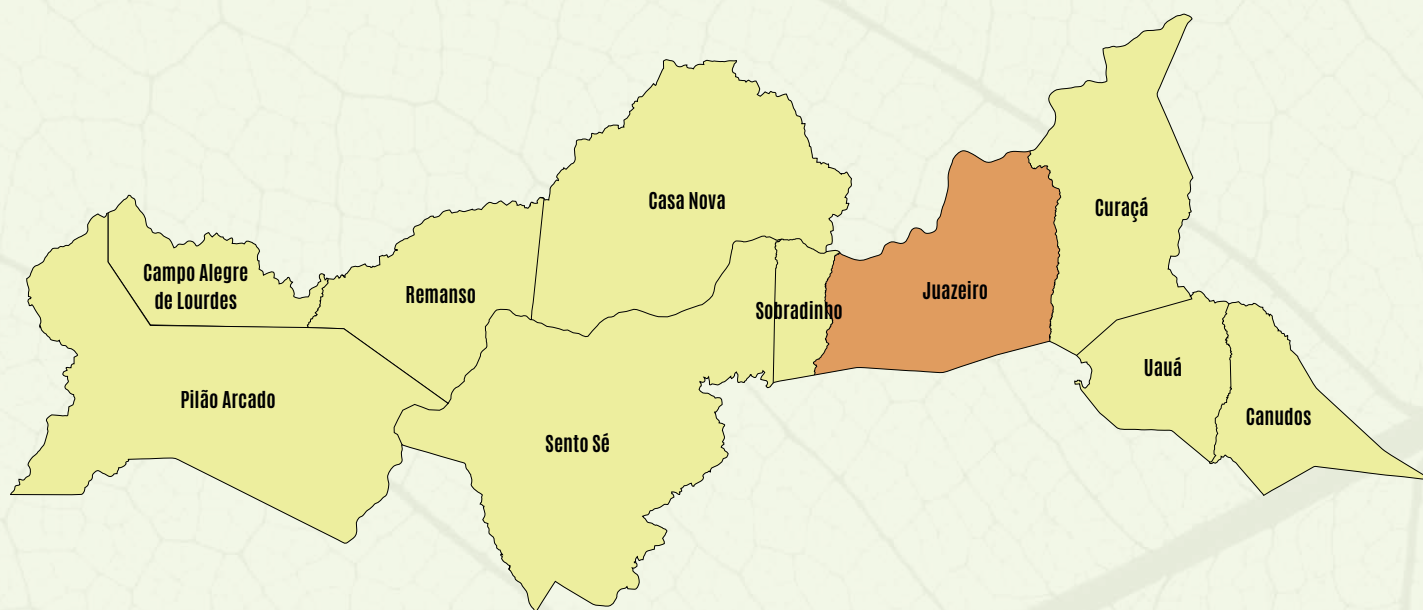
JUAZEIRO



APRESENTAÇÃO DO MUNICÍPIO

O município de Juazeiro, situado a 507 km de Salvador, possui um território de aproximadamente 6.721,237 km², com quase 236 mil habitantes, de acordo com o censo de 2022 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Imagem 03: Mapa do Território Sertão do São Francisco com destaque no município de Juazeiro.



O Projeto ATER Agroecologia assessorou as comunidades: Caiçara/ Tanque, distrito de Abóbora; Lagoa do Jacaré/ Papagaio e Juá/ Saquinho, na região de Massaroca, com distância média de 80 km da sede do município. Nessas comunidades, 80 famílias foram acompanhadas, sendo 46 mulheres (57,5%), 20 jovens (25%) e 14 homens (17,5%). Também foram acompanhadas 79 famílias nas comunidades Tanque Novo e Serra dos Badecas, na região de Pinhões; e Pau Preto no Salitre, sendo 56 mulheres (70%), 4 jovens (5%) e 19 homens (25%).

As famílias tem como principais fontes de renda a agricultura de sequeiro, onde são produzidos: milho, feijão de corda, melancia, abóbora, andu, hortaliças e frutíferas; assim como, a criação de animais de pequeno e médio porte como: caprinos, ovinos, galinhas e suínos. Além disso, praticam o extrativismo de algumas plantas nativas da Caatinga, como: umbu, maracujá do mato, angico, umburana de cheiro e jurema para o consumo familiar, uso medicinal e comercialização.

As famílias têm o hábito de extrair esses produtos de forma sustentável sem agredir o meio ambiente, pois compreendem que esse processo é relevante para garantir a conservação da Caatinga e das próximas colheitas, visto que é uma atividade de suma importância tanto para consumo humano como para os animais.

O tamanho apropriado da terra é fundamental para garantir a permanência das famílias no campo, assim como, promover a qualidade de vida no Semiárido. No entanto, as iniciativas para garantir o acesso à terra em tamanho apropriado ainda são insuficientes. Por exemplo, as áreas individuais das famílias nessas comunidades têm tamanho médio de apenas cinco (5) hectares, fator que limita a criação de caprinos e ovinos na região. Como uma alternativa, as comunidades encontraram nas áreas coletivas de Fundo de Pasto uma possibilidade para garantir a criação de um número maior de animais.

O auto reconhecimento e certificação são alguns caminhos já percorridos pelas comunidades aqui mencionadas, porém é necessário avançar no processo de regularização fundiária dos territórios. Assegurar o território para as comunidades cria possibilidades de defesa contra a chegada de grandes empreendimentos, bem como, mitigar os efeitos das mudanças climáticas, com a preservação do bioma Caatinga e promover um ambiente equilibrado para as gerações futuras.

A maioria das comunidades citadas acima são regularizadas em associações e inseridas em um comitê composto por doze (12) associações, que tem como objetivo fortalecer a organização social, cultural e o desenvolvimento local e sustentável das famílias e comunidades.



Maior produção agroecológica e acesso a mercados de comercialização viabilizam autonomia financeira da mulher na comunidade Fundo de Pasto Caiçara em Juazeiro



Dona Maria aumentou sua produção agroecológica e passou a ter autonomia financeira.

Apaixonada pelo Semiárido, a agricultora Maria Neves dos Santos (54), é uma caatingueira defensora da natureza, que se preocupa com a forma de manejo da criação de animais e de cultivo, de modo a não prejudicar o meio ambiente. Dona Maria nasceu, cresceu e formou sua família na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Caiçara, distrito de Abóbora em Juazeiro.

A área da casa com 15 hectares reúne algumas tecnologias sociais como: cisterna de consumo, construída pela família; cisterna de produção, sistema de tratamento do esgoto total (reator UASB) e canteiros telados adquiridos através de políticas públicas, contribuindo com a Convivência com o Semiárido e uma vida mais digna para a família. Assim como, o Projeto de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecologia que chegou mudando a vida de Dona Maria, por meio das orientações, ensinamentos e intercâmbios.

“A assessoria técnica mudou bastante a minha vida, principalmente na questão da horta. Agora eu tenho muita diversidade, hoje já faço parte da feira agroecológica, do grupo de mulheres empoderadas, dando a volta por cima (...) Não dependendo do marido, a mulher deve depender dela mesma. E isso é muito importante na vida das mulheres, das agricultoras, não só aqui da minha comunidade, mas nas outras também”, declara Maria com muito entusiasmo e gratidão.



Foto: Hortaliças prontas para comercialização.

Com as orientações da técnica que acompanhou a agricultora, foi possível aumentar a criação de caprinos, suínos e aves; potencializar o roçado (feijão, melancia, milho e melancia forrageira) e o quintal produtivo (coentro, alface, couve, rúcula, tomate cereja, pimentão, pimentinha, quiabo, maracujá, goiaba, laranja e plantas medicinais), além de incentivar no beneficiamento do leite e do umbu, produzindo doces e polpa da fruta. Assim, a produção de dona Maria atende ao consumo da família, e parte do excedente é fornecido à Cooperativa Agropecuária Familiar Orgânica do Semiárido (Coopervida), em Juazeiro; comercializado na Feira Agroecológica de Massaroca, distrito de Juazeiro, e aos vizinhos na comunidade, além de outros mercados.

Com a diversidade produtiva com base nas práticas agroecológicas, o acesso a diferentes mercados de comercialização e a participação em espaços organizativos, a renda de Dona Maria aumentou significativamente, chegando a quintuplicar no último ano, conquistando a sua autonomia econômica. “Meu passado antes era sofrido, eu não tinha renda nenhuma, eu não sabia nem negociar. Eu vivia num isolamento. Mas depois da assessoria técnica, ‘abriu meus olhos’, hoje eu negocio, e melhorou bastante. Hoje eu sou dona Maria, eu sou desenrolada para tudo. Graças a Deus e à assessoria”, relata a agricultora.

Exemplos como o de Dona Maria, comprovam a importância dos projetos de ATER nas comunidades rurais do Semiárido, oportunizando às famílias agricultoras formas de enfrentar os desafios e aproveitar toda a potencialidade que o Semiárido e o bioma Caatinga têm a oferecer. Mostrando que é possível viver, e viver bem na região semiárida, desde que políticas públicas sejam efetivadas e respeitem os direitos básicos, que por muito tempo foram negados a essas famílias.

Aumento e melhor qualidade da criação de caprinos e ovinos a partir da assessoria técnica na comunidade Fundo de Pasto Tanque Novo em Juazeiro

A lida diária com a criação de ovinos e caprinos é a paixão do agricultor Cosmo da Costa Santana (53), que acorda todos os dias às 4h30 da manhã para iniciar os cuidados com os animais. “Aqui não tem feriado, nem dia santo, nem domingo. É ligado direto, porque os animais têm que ter atenção todo dia, principalmente, quando está no período de reprodução”, explica Cosmo.

Essa é a vida escolhida pelo agricultor que sente prazer todos os dias ao zelar pelo que é seu. Cosmo, nasceu e cresceu na comunidade Fundo de Pasto Tanque Novo, em Juazeiro-BA. Quando jovem se aventurou nas cidades de Juazeiro e Salvador, buscando o que os outros chamavam de “oportunidade de emprego e oportunidade de melhorar de vida”. Mas aos 44 anos, Cosmo percebeu que as oportunidades estavam no seu chão, junto com sua esposa Maria do Carmo Nunes, retornou à comunidade, se dedicando à criação de animais e roçado, e ao cuidado de sua mãe, dona Maria Perpétua da Costa.

Foto: Lida diária com a criação do agricultor Cosmo.





Foto: Agricultor no roçado de milho.

Além da criação, o agricultor se dedica ao roçado, com cultivo de milho, feijão, maracujá, melancia forrageira, palma e ao quintal produtivo com hortaliças e verduras como: coentro, pimentão e pimentinha. Cosmo conta que antes da Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecologia na comunidade, quase ninguém cultivava de forma agroecológica. “Todo mundo que mora aqui circunvizinho tem seu quintal, tem sua cisterna, mas não tinha aquela visão de pegar um canteirinho e plantar seu orgânico, seu tomate, seu pimentão, seu coentro, e em vez de comer aquilo que você viu nascer, que plantou puro, espera ir para Juazeiro comprar um molho de coentro sem necessidade nenhuma”, explica o agricultor.

Com a assessoria do Projeto, em três anos, as práticas agroecológicas na Unidade de Produção Familiar (UPF) melhoraram consideravelmente, passando de baixa para alta, o que contribuiu com a segurança alimentar e nutricional da família, que passou de muito baixa a alta. Assim, após ter o conhecimento da importância das práticas agroecológicas na sua propriedade e ser sensibilizado acerca dos benefícios dos alimentos produzidos dessa forma, além de ter cisterna de consumo e cisterna de produção, essenciais para possibilitar o cultivo, Cosmo afirma que “O alimento orgânico faz o bem pra saúde, é uma alimentação natural, não tem química, não corre o risco de pegar um câncer, nem nada disso. Enquanto trabalha de forma orgânica você está cuidando da saúde e do meio ambiente”.

Com os ensinamentos adquiridos durante as atividades individuais, coletivas e intercâmbios, Cosmo que participou ativamente dos encontros destaca que a sua forma de manejo com os animais mudou, pois antes não se atentava às pequenas ações que fazem toda diferença na qualidade da criação, como conta o agricultor “... do cuidado para não colocar o alimento no chão, evitando o contágio com as fezes do próprio animal, prezando pela saúde da criação; que o animal não pode se alimentar no mesmo ambiente no qual dorme; e que é preciso fazer, regularmente, a limpeza do chiqueiro”.

Assim, com os aprendizados em relação ao manejo correto dos animais, a criação de Cosmo quase triplicou durante o período da assessoria técnica. E para contribuir com a alimentação dos caprinos e ovinos, que aumentam a cada dia, o agricultor investe na produção de forragem, utilizando milho, palma e melancia forrageira, ofertados aos animais no período da estiagem, quando o alimento fica escasso no Fundo de Pasto. O agricultor explica que produzindo a forragem “Você vai economizar aquele dinheiro que iria gastar para ração e quando chegar o período que a folha acabar no pasto, você já tem uma reserva, se preocupando apenas com um complemento, porque já tem o milho passado, o capim, a palma. Antes a gente ia correr atrás do mandacaru, porque não tinha palma suficiente pra dá”.

Com este relato de Cosmo fica evidente mais uma vez, as contribuições que a política pública de assessoria técnica e extensão rural podem proporcionar aos agricultores/as das comunidades do Semiárido. E a assessoria tem se mostrado um importante apoio para as famílias rurais, apresentando diversas possibilidades de produzir e ao mesmo tempo cuidar da saúde das pessoas e do meio ambiente, fortalecendo assim, a cultura da criação de animais e o cultivo de alimentos agroecológicos.

Foto: Seu Cosmo expõe feliz a silagem produzida para a criação



Protagonismo das mulheres transformando realidades na comunidade quilombola Pau Preto em Juazeiro



Foto: Fruto do quintal de Dona Valmira



“Nunca pensei em sair da comunidade, pois essa é a minha terra, este é o meu lugar”, nessa fala da agricultora Valmira Vieira da Silva Batista (64), é possível perceber o sentimento de pertencimento a este local que guarda todas as suas memórias e vivências. Dona Valmira nasceu e vive na comunidade Pau Preto, no Vale do Salitre, em Juazeiro-BA, na mesma comunidade onde seus pais viveram, e que ela e o senhor Carlito Batista da Silva (68) criaram seus seis filhos.

Dona Valmira, aposentada rural, levanta todos os dias às 5h da manhã, cuida dos afazeres domésticos, da criação de porcos, do roçado de palma, do pequeno quintal produtivo e da agricultura de sequeiro. A residência da família possui, aprisco, cisterna de consumo para captação de água para abastecimento da casa. A cisterna de produção atende ao quintal de palma forrageira, que é insuficiente para o consumo do rebanho no período da estiagem, pois os animais são criados de forma extensiva em uma área coletiva na comunidade. A família também utiliza um poço comunitário para os afazeres domésticos e também para o consumo da criação de animais.

Em relação às práticas agroecológicas, a família de Dona Valmira já fazia uso do esterco no cultivo da palma forrageira e utilizava as plantas da Caatinga como remédio para os animais. Porém, antes da Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecologia, a família não cultivava hortaliças como coentro e alface, nem legumes como a berinjela, é o que relembra a jovem agricultora, Márcia Batista da Silva (28), filha de dona Valmira, também assessorada pelo Projeto. “Eu não plantava, não tinha conhecimento, achava que pra tudo tinha que usar agrotóxico, comprava um pouco, ou pegava do vizinho e ia colocando nas plantas (...) A gente aprendeu a cuidar mais dos alimentos, da nossa saúde, e trabalhar sem o uso do agrotóxico que é muito utilizado na nossa região”, explica a jovem. Agora, a família já melhorou a segurança alimentar e nutricional, e pretende aumentar a diversidade da produção para atender a demanda de consumo familiar.

Apesar da família não utilizar agrotóxico, convive com o cultivo de pimentas do vizinho que faz uso dos venenos em sua plantação. “Um dia mesmo, minha menina estava aqui e foi parar na UPA com dor de cabeça. Agora, quando ele está aplicando veneno, ela sai de casa (...) o veneno é muito forte” conta dona Valmira. A agricultora reflete ainda: “O veneno já sabe como é né, já basta o que a gente compra que vem com veneno (...) Muitas doenças aparecem através do veneno”.

Bem envolvidas com a produção da unidade familiar, Dona Valmira e sua filha Márcia participam dos processos de comercialização, além de contribuir na organização da associação da comunidade Pau Preto que está em processo de reconhecimento como comunidade quilombola. Além de momentos religiosos, mutirões e todos os processos coletivos. Assim, após a chegada da ATER Agroecologia, as agricultoras aumentaram ainda mais o protagonismo na participação social, nos espaços políticos, organizativos e de bem comum da comunidade.

Dessa forma, o Projeto impulsionou muitas mudanças em Pau Preto, sensibilizou agricultores/as sobre a importância das práticas agroecológicas para o bem estar das pessoas e do meio ambiente; manejo correto da criação de animais; suporte da Caatinga e segurança alimentar e nutricional. Além de estimular o beneficiamento de

produtos; comercialização; espaços organizativos; protagonismo da mulher e acesso a outras políticas públicas.

Além disso, após as provocações geradas durante as atividades coletivas da ATER Agroecologia, refletiram sobre a importância da criação de um grupo voltado à produção e comercialização de produtos beneficiados, como forma de colaborar com a renda das famílias. Assim, o coletivo assessorado pelo Projeto notou o potencial das mulheres, que sempre foram a base da comunidade, pois são elas que estão envolvidas em todos os processos coletivos.

A partir dessa reflexão, foi criado na comunidade o Grupo de Mulheres Quilombolas de Pau Preto- Salitre, formado por 21 mulheres, das quais a maioria foi assessorada pela ATER Agroecologia. As mulheres se sentiram mais empoderadas “Tinha mulheres aqui na comunidade que nem de casa saía e hoje tem um incentivo de sair, participar no grupo, que se sente à vontade no grupo, que se sente mais livre, com mais força de vontade e tá participando de tudo”, conta Márcia que também integra o grupo de Mulheres.

Com as ações do Projeto, “A gente descobriu que tinha tudo, só não sabia usar (...) A gente tem capacidade de produzir, a gente tem capacidade de ir pra frente. Começamos com o pensamento de produzir só para a comunidade, mas hoje em dia a gente já tá pensando no PNAE, em vender para colocar em supermercados”, destaca Márcia.

Foto: Agricultora Márcia e equipamentos da cozinha industrial da comunidade.





Foto: Produtos feitos pelo grupo Mão na Massa

Com a organização das mulheres, o grupo reformou o espaço da cozinha comunitária de Pau Preto, e junto a União das Associações do Vale do Salitre (UAVS), conquistou equipamentos como fogão industrial, balcão térmico, freezer através de uma emenda parlamentar do deputado Afonso Florence através da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf). Esse avanço “Foi o ponta pé pra gente ver que tinha capacidade, porque a gente tava pensando como vamos conseguir tudo (...)”, relembra Márcia entusiasmada.

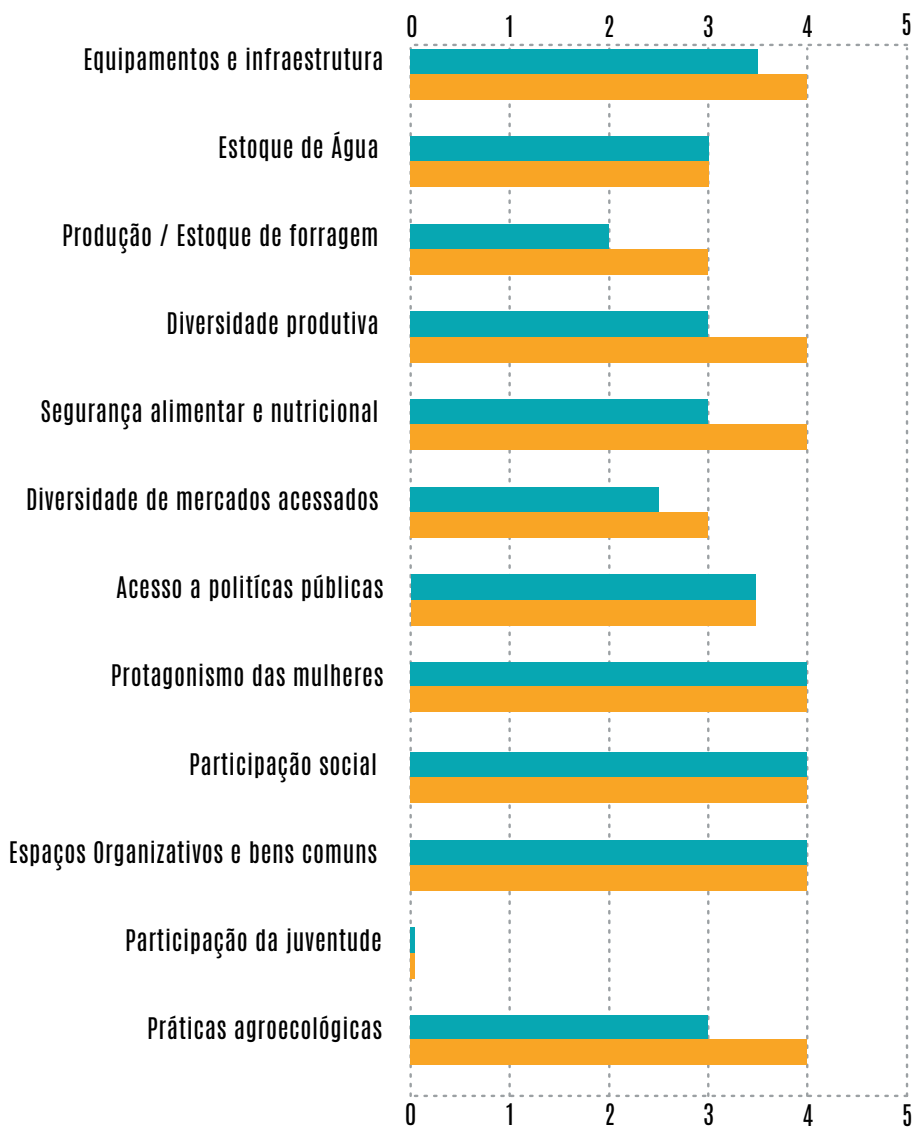
A ATER Agroecologia trouxe mudanças significativas na vida das famílias agricultoras e também da comunidade, colaborando com a construção de espaços organizativos e despertando para as possibilidades de acesso a outras políticas públicas. Além de incentivar o protagonismo das mulheres na produção e comercialização de produtos, contribuindo com a renda familiar.

ANÁLISE DAS CARACTERIZAÇÕES EM JUAZEIRO

Agregação das Caracterizações dos agroecossistemas de Juazeiro

2020 2022

- 1 - Muito baixo
- 2 - Baixo
- 3 - Médio
- 4 - Alto
- 5 - Muito Alto



A partir dos dados apresentados no gráfico, é possível afirmar significativos avanços nos agroecossistemas acompanhados, através da ATER Agroecologia, comparando o início e final do projeto. Como veremos a seguir:

- Equipamentos e infraestrutura

A infraestrutura melhorou a partir da construção de galinheiros, que contribuem para o conforto, segurança e bem estar das aves, bem como a construção dos canteiros telados, que diminuem o ataque de pragas e a incidência solar sobre as culturas. Além da implantação do sistema de tratamento do esgoto total, o Reator UASB, que contribui para uma melhor gestão da água e qualidade de vida das famílias, acarretando na não contaminação dos solos e mananciais aquíferos.

- Estoque de água

Devido à falta de políticas públicas voltadas para tecnologias hídras de captação e armazenamento de água de chuva, não houve melhorias na vida das famílias assessoradas.

- Produção/Estoque de forragem

As famílias vêm ampliando e diversificando a produção e estoque de forragem com o cultivo de: palma, leucena, capim de corte, contribuindo com a alimentação da criação nos períodos de estiagem.

- Diversidade produtiva

Os/as agricultores/as aumentaram a diversidade da produção, focando em culturas de ciclo curto, como: milho, feijão, abóbora, melancia, fruteiras, hortaliças (alface, coentro, rúcula, couve, tomate cereja, pimentinha, quiabo, repolho, salsa, pimentão).

- Segurança alimentar e nutricional

A partir da diversidade produtiva houve uma melhora significativa na segurança alimentar e nutricional das famílias assessoradas, visto que são alimentos saudáveis, sem uso de agrotóxicos, produzidos em harmonia com a natureza.

- Diversidade de mercados acessados

A produção de alimentos limpos, tem proporcionado a inserção de algumas famílias em novos espaços de comercialização, possibilitando o escoamento dos produtos excedentes, a exemplo da feira agroecológica do distrito de Massaroca, da Cooperativa Agropecuária Familiar Orgânica do Semiárido (Coopervida), além da venda porta a porta na comunidade e vizinhança.

- Acesso às políticas públicas

Ao levar em consideração que durante a atuação da ATER Agroecologia, o governo federal na época, não se preocupava com investimentos para assegurar políticas públicas que viabilizassem a execução de projetos de incentivos para agricultura familiar, além da pandemia da Covid-19 que culminou neste período, não houve muitos avanços neste setor. Pelo Governo do Estado acessaram a ATER Agroecologia e algumas o Edital 015 do Bahia Produtiva.

- Protagonismo das mulheres

O fortalecimento da luta e resiliência das mulheres vem avançando em todos os aspectos, desde a produção, gestão, comercialização, processos sócio organizativos e de aprendizagem, o que tem reafirmado cada vez mais o protagonismo feminino na família e na comunidade.

- Participação Social

As famílias estão inseridas ativamente em todos os processos sócio organizativos e de aprendizagem existentes nas associações e comunidades, bem como, a participação nas atividades proporcionadas pelo projeto ATER Agroecologia, tais como: formações, intercâmbios, visitas técnicas, dentre outras.

- Espaços organizativos e bens em comum

O maior protagonismo das mulheres proporcionou uma participação ativa em todas as ações comunitárias existentes na comunidade, tais como: Fundo de Pasto, aguadas coletivas, máquina forrageira, mutirões, além da participação na atividade de apicultura de forma coletiva.

- Participação da juventude

Esse parâmetro não foi evidenciado devido a pouca presença de jovens nos agroecossistemas acompanhados.

- Práticas agroecológicas

Nos agroecossistemas houve mudanças significativas, a partir do fortalecimento das práticas agroecológicas, através da incorporação do esterco no solo, cobertura seca, produção e uso do sal vermífugo e vitamínico, iodo natural à base de plantas da Caatinga, defensivos naturais para controle de pragas e doenças nas plantas.

Dessa forma, pode-se dizer que os avanços apresentados, são resultados de inúmeras ações integradas, muitas delas levadas pela ATER, contribuindo para melhoria da plena qualidade de vida e Bem Viver das famílias.

CONQUISTAS E AVANÇOS PARA ALÉM DA ASSESSORIA TÉCNICA

PROJETO PALMA CODEVASF

CODEVASF



O Irpaa, através da ATER Agroecologia, em parceria com a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), implementou junto à Associação dos Moradores, Criadores e Produtores Rurais de Tanque Novo dos Gomes e Vizinhança, no distrito de Pinhões, em Juazeiro-BA, o projeto de Unidade de Produção de Palma Forrageira. O projeto teve como objetivo fornecer alimentação para 1.000 caprinos e ovinos, principalmente no período da estiagem, além de incentivar, por meio do fornecimento de mudas oriundas desse palmar, a produção local para alimentação animal nutritiva e de baixo custo.

Para implantação do projeto, a Codevasf repassou para a associação materiais para cercamento, adubos orgânicos e mudas de palma forrageira. A Companhia também viabilizou a construção de um reservatório hídrico e a instalação de um sistema de irrigação por gotejamento na área. A Associação de Tanque Novo cedeu a área de plantio, de 2,5 hectares, e realizou serviços diversos no espaço, como: limpeza, mecanização do solo, instalação de cercas e plantio das mudas. Um dos objetivos, é que esse palmar seja referência técnica para agricultores/as e pecuaristas que tenham interesse em aprender a cultivar a palma forrageira, e para que ela seja utilizada com todo o seu potencial produtivo.

Foto: Área de cultivo de palma.



Foi plantado no terreno 110 mil mudas de palma. A expectativa é que a produção alcance 2.200 toneladas de matéria verde de palma para alimentação animal e fornecimento de mudas para novos plantios, que deverão atender inicialmente cerca de 20 famílias locais. A cultura da palma na região terá impacto positivo na criação de animais, além de proporcionar mais uma atividade para geração de renda à população local.

CERTIFICAÇÃO ORGÂNICA PARTICIPATIVA



A Certificação Orgânica Participativa é um conjunto de procedimentos que visa garantir que determinado produto esteja em conformidade com os regulamentos e normas técnicas da produção orgânica. Esse tipo de selo surgiu devido a maior procura por alimentos produzidos de forma agroecológica, a partir de reflexões sobre os malefícios do consumo de alimentos convencionais de origem desconhecida e com baixo teor nutricional. Além do uso de agrotóxicos e práticas que impactam o ambiente e refletem de forma negativa na saúde das pessoas.

Em contraposição a este modelo, a agricultura orgânica está voltada à manutenção da saúde e da sociedade, uma vez que se baseia no respeito à vida do solo, plantas, animais, pessoas, ecossistemas e meio ambiente.

Para tanto, a Certificação Orgânica Participativa reúne vários procedimentos para aquisição do certificado de orgânico, como a formação dos grupos de pessoas organizadas, de maneira formal e informal, que realizam ações coletivas de monitoramento e avaliação de conformidades e inconformidades das unidades produtivas.

Visando o potencial que agricultoras e agricultores das comunidades de Caiçara e Tanque, no distrito de Abóbora e em Lagoa do Jacaré, no distrito de Massaroca, ambas no município de Juazeiro-BA, tem em produzir de forma agroecológica, assim como para o fortalecimento dessas práticas e agregação de valor aos produtos, um grupo de agricultores/as passou pelo processo formativo das atividades da Certificação Orgânica Participativa junto ao Pré-Núcleo Sertão do São Francisco para aquisição do certificado.

Através de formações e reuniões para trocas de experiências e para garantirem a qualidade orgânica dos alimentos, bem como fazer o monitoramento mútuo da produção, reuniões de grupos, núcleos, visitas de pares, olhar externo e participação nas reuniões do Pré-Núcleo SSF. Vale ressaltar que a certificação, nesse modelo participativo, deve se expandir a outras áreas produtivas, formato que viabiliza a possibilidade de grupos de agricultoras/es certificar a produção de outras/os agricultoras/es familiares, sem a necessidade de contratação de uma empresa (auditoria), obedecendo os princípios da confiança entre produtores, pois caso ocorra alguma

irregularidade todos são penalizados. Assim, é possível que a atividade se desenvolva na região, incentivando novas famílias a adotarem uma produção agroecológica.

O Pré-Núcleo Sertão do São Francisco integra a Rede de Agroecologia Povos da Mata, que conta com o apoio do Irapa e de outras entidades do território.



Foto: Agricultoras recebendo a certificação orgânica em 2023



SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

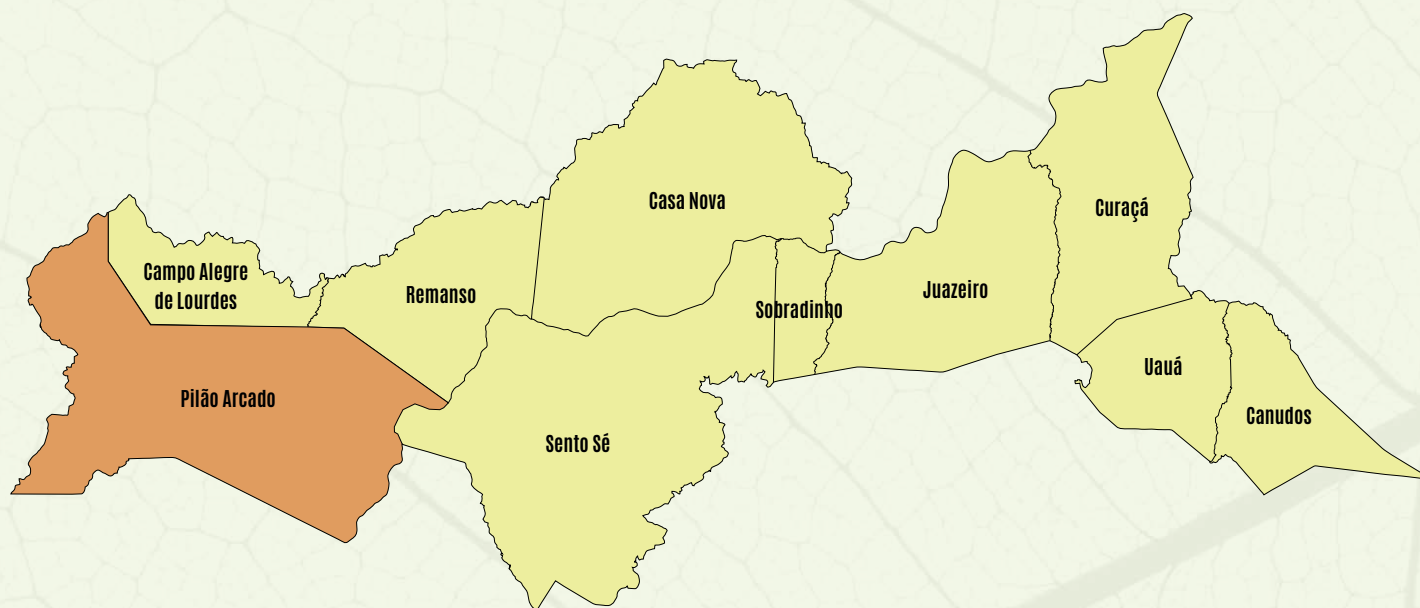
PILÃO ARCADO



APRESENTAÇÃO DO MUNICÍPIO

O município de Pilão Arcado está localizado a 785 km da capital baiana, Salvador. A área territorial é de 11.597,923 km², com uma população que gira em torno de 35 mil habitantes, de acordo com o censo de 2022 realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística do Brasil (IBGE).

Imagem: Mapa do Território Sertão do São Francisco com destaque no município de Pilão Arcado.



Em Pilão Arcado, a ATER Agroecologia assessorou 80 famílias nas seguintes comunidades: Lagoa do Anselmo/Baixão, Três Carnaúbas, Casa Verde e Melancia. Com o seguinte perfil de assessorados: 52 mulheres (65%), 19 jovens (23,7%) e 9 homens (11,3%).

As comunidades Lagoa do Anselmo/Baixão, Três Carnaúbas e Melancia são certificadas como comunidade Tradicional de Fundo de Pasto, enquanto que Casa Verde se auto reconhece como Tradicional de Fundo de Pasto, e já solicitou requisição de certificado ao Estado.

Lagoa do Anselmo/Baixão tem área coletiva de 3.700 hectares, e integra comunidades vizinhas: São Bento, Baixãozinho e Lagoa Grande. O território é composto por 140 famílias, desse total, 20 foram assessoradas pela ATER Agroecologia.

Três Carnaúbas tem área coletiva de 300 hectares e se organiza com as seguintes comunidades: Lagoa das Lages, Lagoa Seca, Campestre, Sítio Retiro, Nova Santa Rita, Sítio Oití, Baixão do Mocó, Lambedor e Canastro. O território é composto por 60 famílias, das quais 20 participaram da ATER Agroecologia.

Casa Verde com área coletiva de 1.000 hectares é composta por 90 famílias, sendo 20 assessoradas pelo Projeto. As áreas individuais possuem em média 4 hectares.

Melancia também é certificada como comunidade Tradicional de Fundo de Pasto, com área coletiva de 100 hectares e se organiza com as seguintes comunidades vizinhas: Valentim, Lagoa Nova, Barro Vermelho, Passagem da Andreza, Biraba, e Lagoa da Pedra. O território é composto por 100 famílias, sendo 20 assessoradas pela ATER Agroecologia.

Essas comunidades possuem diversidade produtiva, com destaque na criação animal (caprinos, ovinos e bovinos); quintal produtivo (hortaliças, frutíferas); apicultura e roçado (mandioca, milho e feijão) e são organizadas por associações. Além disso, Lagoa do Anselmo/Baixão e Casa Verde integram a Articulação Estadual de Fundo de Pasto, da União das Associações de Fundo de Pasto de Pilão Arcado.



Ampliação da produção de mel e ração animal garantem melhor renda para família na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Lagoa do Anselmo, em Pilão Arcado



Foto: Agricultora Maria Rita alimentando a criação de galinhas com ração que produziu em casa.

A agricultora experimentadora Maria Rita de Carvalho (59), da comunidade tradicional de Fundo de Pasto Lagoa do Anselmo, em Pilão Arcado-BA, é aquela pessoa que quem a conhece sempre a cita como “uma referência!”. É que dona Rita sempre foi muito ativa na comunidade, com participação em cursos de diversos temas, desde criação de galinhas, agente de saúde, até beneficiamento de frutas. Essas oportunidades que foram chegando aos poucos, através de iniciativas de diversas entidades, foram muito bem aproveitadas.

Quando teve a possibilidade de participar das ações de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) Agroecologia, ela também se dispôs com muito entusiasmo. Hoje, a partir dos conhecimentos e resultados alcançados, dona Rita com-

preende mais ainda a importância da ATER. “Eu achei que foi mais uma aprendizagem, que a gente botou mais em prática e que esse acompanhamento que ela (a técnica) dá, dá mais força, a gente se encoraja mais de cuidar dos canteiros, da criação, da produção toda, das rações. Eu achei que foi um bom incentivo, porque a gente mesmo, tinha alguns defensivos que eu não sabia fazer para os canteiros e hoje eu já aprendi a fazer nas práticas”.

Essas orientações e incentivos potencializaram a produção agroecológica da família de dona Maria Rita. “A gente planta mandioca, milho, planta feijão, abóbora, melancia, as rações que a gente faz, as forragens. Eu faço a ração da galinha e para os animais e o mel; a gente cria as abelhas também”. Para fazer as rações, na área da família tem ainda maniva, leucena, gliricídia, sorgo, capim e maniçoba.

Mas, de todas as atividades produtivas, são destaques o cultivo de mandioca, a criação de galinhas, o mel e as rações. Esta última chega a suprir a demanda da família e ainda dá para comercializar. “A gente faz é vender a

ração também na seca”, complementa a agricultora. Para termos uma ideia da importância disso, os números revelam uma economia considerável a partir da redução do custo com insumos para a criação, que caiu de quase dois mil reais em 2020 para pouco mais de 600 reais em 2022.

A dedicação aos trabalhos na roça é partilhada com o esposo, Milton de Carvalho Viana (65), que cuida mais do roçado e também do manejo de uma média de 50 caixas de abelhas. Já a rotina de dona Maria Rita, além dos afazeres domésticos, envolve, principalmente, o cuidado com a criação e os canteiros. “E quando é no tempo dos plantios, cuido na roça também, de meus canteiros eu quem cuido. Mas, na roça trabalha junto, o marido trabalha, ele ara as terras e tem vez que eu planto mais ele”.

O aumento da produção de mel foi muito significativo. Maria Rita ressalta que antes não havia a prática de criar abelhas em caixas. “Antigamente nos ocos de pau tirava era pouquinho, quando muito, tirava duas latas de mel. Hoje não, hoje de cada tirada tira cinco, seis baldes. E aí a gente ajunta para vender. Uns 300 kg por ano, graças a Deus”. O casal celebra a conquista e faz questão de mostrar a casa do mel que está sendo estruturada. O local vai facilitar o manejo das caixas das abelhas e a retirada da produção.



Foto: Construção da sonhada casa de mel da família.

Além do interesse na atividade apícola e da dedicação, esse bom resultado é reflexo também do aprimoramento do manejo, que foi tema de atividades ao longo das ações de ATER, como por exemplo, sobre o cuidado com a alimentação dos enxames no período de estiagem. Milton ressalta que “Trabalha para ver se não vai embora, dá uma comidinha, dá água, põe uma garapinha de vez em quando, faz um fubazim aí de certas coisas, de tapioca, de farinha”.

Outra prática aprimorada foi no tempo da retirada do mel. “De primeiro a gente tirava todo dia, não sabia como é que o mel tava, se tava bom ou se tava ruim. E aí, depois

com muitas experiências que a gente teve, a gente já tá sabendo o tempo, quando o mel tá bom. Porque o mel fora do tempo tem uns comerciantes que não querem comprar, porque tem água”, complementa Milton.

A renda de todas as produções na área familiar, com forte predomínio da atividade apícola e da criação animal, praticamente dobrou; saiu da casa dos 17 mil, em 2020, para quase 31 mil reais em 2022.

Guardiã de sementes crioulas

Dona Maria Rita ainda se dedica a uma paixão importantíssima para a Convivência com o Semiárido que é a prática de guardar sementes crioulas. Esse trabalho já resulta em um banco de sementes familiar com mais de 40 variedades de vegetais, todas muito bem cuidadas. “A gente esteriliza ela para poder guardar, e aí ela tem mais duração, é protegido dos insetos, aí quando é pra gente plantar, ela tá limpinha, boazinha, não tem semente furada”, destaca a agricultora.

“Eu também gosto de guardar semente porque é uma semente que a gente já produz daqui e já sabe como é que ela vem, para ela germinar depois. É que é uma semente crioula que ela é daqui da terra da gente, já acostumada com o manejo da terra. É por isso que eu guardo o milho pra plantar, minha semente de melão, de feijão, é por isso; porque vai que a gente planta qualquer semente e não dá?”, enfatiza dona Rita. Ela ainda faz questão de frisar que também doa sementes. “Guardo pra mim e, às vezes, dou pra outras pessoas”.



Diante de tudo o que pôde vivenciar e dos benefícios constatados, dona Maria Rita faz questão de enfatizar a importância do trabalho coletivo e da assessoria técnica. Ela defende que esse tipo de política pública tem que alcançar mais pessoas. “Eu acho que as famílias precisam ter um tipo de assessoria desse porque incentiva mais, encoraja mais a pessoa de ter ali uma pessoa que sempre vem lhe orientar, lhe alertar. Já é mais uma ajuda, porque a gente só, a gente fica até desanimado, mas quando tem mais outra pessoa lhe encorajando você se encoraja mais. Eu mesmo, eu gostei! Eu acho que valeu a pena essa assessoria!”.

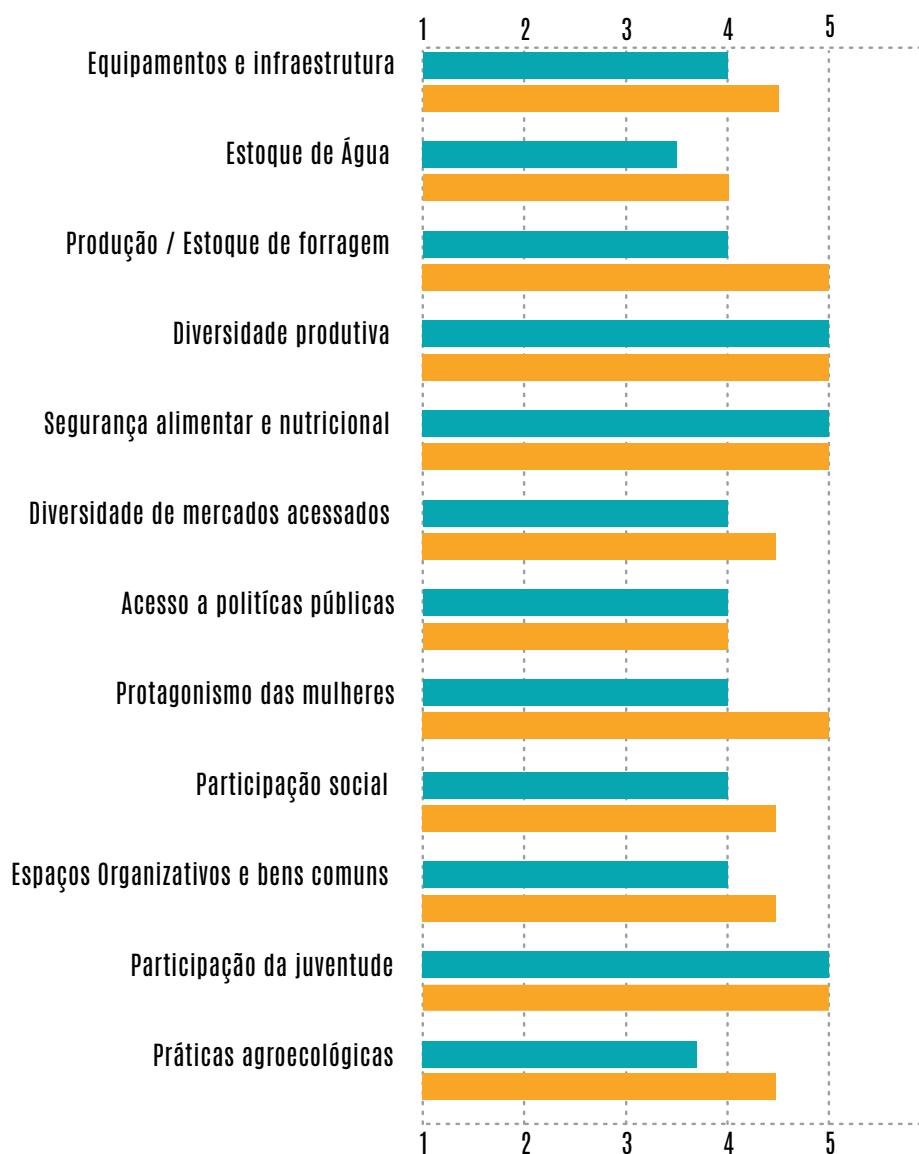
Foto: Sementes crioulas guardadas por dona Maria Rita.

ANÁLISE DAS CARACTERIZAÇÕES EM PILÃO ARCADE

Agregação das Caracterizações dos agroecossistemas de Pilão Arcado

2020 2022

1 - Muito baixo
2 - Baixo
3 - Médio
4 - Alto
5 - Muito Alto



Em Pilão Arcado é possível verificar os diversos avanços proporcionados às famílias agricultoras, a partir da assessoria técnica, comparando o início e final do projeto. como veremos em seguida:

- Equipamentos/Infraestrutura

As famílias investiram na aquisição de mais colméias para atividade apícola, potencialidade da região. Houve ainda aquisição de máquina forrageira, equipamento essencial para preparação de ração para a criação animal. Aquisição de caixa d'água como reservatório de água no agroecossistema. Observa-se também construção, reparos e ampliação das instalações de apriscos, currais e cercados dos roçados e de áreas individuais.

- Estoque de água

Algumas famílias perfuraram e/ou equiparam o poço artesiano. Foi considerado também o uso coletivo de reservatórios, prática muito comum nas comunidades.

- Produção/estoque de forragem

A partir das práticas vivenciadas pelas famílias durante a ATER foi possível sensibilizar acerca das potencialidades e limitação climática da região, compreendendo a necessidade de realizar cultivos de plantas forrageiras apropriadas, como: mandioca, maniçoba, milho, feijão, leucena, sorgo, gliricídia, capim, moringa e palma forrageira para preparação de ração através da fenação e de silagem. Podendo assim, ofertar aos animais no período de estiagem, evitando custos financeiros altos na aquisição de ração do mercado externo. Após as colheitas colocam os animais nos roçados para se alimentarem das palhadas.

- Diversidade Produtiva

A diversidade produtiva permite equiparação no agroecossistema, pois todos os subsistemas estão interligados, estabelecendo relações na produção de insumos e de custos. As famílias têm investido na diversidade produtiva, tanto nas produções vegetais como nas animais, trabalham com a criação de aves, suínos, caprinos, ovinos, bovinos e atividade apícola. Na parte vegetal há hortaliças, plantas medicinais, ornamentais, frutíferas, culturas anuais e plantas forrageiras. O acesso ao edital 015 do Bahia Produtiva, com investimentos de viveiros telados com canteiros econômicos possibilitou aumento na diversidade produtiva na produção de hortaliças.

- Segurança Alimentar Nutricional

Os momentos de formação proporcionaram às famílias estarem atentas sobre a qualidade dos alimentos, para a garantia da saúde. Para tanto, as famílias trabalham na produção de alimentos de boa qualidade e em quantidade suficiente para o consumo, o excedente é doado e/ou comercializado. Com a implementação de viveiros telados com canteiros econômicos, a produção limpa aumentou ainda mais.

- Diversidade de acesso à mercados

Uma das grandes demandas da ATER na região era o acesso a mercados justos. Através da parceria com outras organizações, e com a mobilização para participação em mercados institucionais, as famílias conseguiram acessar o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), além da Feira Agroecológica do município. Aprimoraram as estratégias de comercialização local, como: porta em porta, mercadinhos e até mesmo a procura de produtos nos seus próprios agroecossistemas. Também comercializam para atravessadores e empresas privadas.

- Acesso às políticas públicas

As famílias mantiveram acesso a alguns programas, como: Garantia Safra, Bolsa família, financiamentos rurais (AGROAMIGO e PRONAF) e PNAE. Acessaram Auxílio Emergencial, PAA Emergencial, Produção de palma forrageira e reúso agrícola executado pelo INSA/MAPA/FIDA, e Programa de Desenvolvimento Territorial (PRODETER) executado pelo Banco do Nordeste/Prefeitura/SASOP. Levando em consideração a queda de investimentos da Gestão Federal para agricultura familiar, as poucas políticas públicas acessadas foram através de reivindicações de um conjunto de organizações, movimentos e redes envolvidas. Pelo Governo do Estado acessaram a ATER Agroecologia e o Edital 015 do Bahia Produtiva.

- Protagonismo das mulheres

Ainda não há divisão justa do trabalho doméstico. Mas, é perceptível nas mulheres mais autonomia na gestão, maior envolvimento nas ações dos subsistemas e nos investimentos no agroecossistema. Através da participação em espaços de aprendizagem, estão sensibilizadas e animadas a conquistarem condições justas para melhor convivência na sociedade, com equidade de gênero. É surpreendente como elas se dedicaram, participaram, valorizaram os aprendizados dos espaços de construção do conhecimento. As mulheres vêm experimentando as práticas agroecológicas em seus agroecossistemas e protagonizando emancipação, seja nos espaços familiares, seja na sociedade. São avanços, como: valorizar e visibilizar sua participação econômica no agroecossistema; participar dos espaços de formação, mesmo com todos os desafios e dificuldades colocadas em suas vivências; dialogar sobre a sobrecarga com a família, propondo mais participação nos trabalhos domésticos e de cuidados, liderar trabalhos de grupos e participar mais ativamente nas organizações sociais de suas comunidades.

- Participação social e espaços organizativos

Houve evolução nesse parâmetro, considerando que a participação social fortalece as comunidades. As famílias tiveram ricos momentos de informações sobre a importância da participação social, mobilizando outras pessoas a se integrarem nas associações comunitárias. Participaram também de grupos de produção, manifestações religiosas e culturais, espaços de aprendizagens diversos e partidos políticos. Há participação no Sindicato de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Município de Pilão Arcado-BA.

- Participação da Juventudes

Pudemos constatar mais participação das juventudes nas atividades desenvolvidas pela ATER, desde as visitas individuais às famílias, atividades coletivas, mutirões das comunidades e intercâmbios.

- Práticas Agroecológicas

As famílias avançaram muito neste parâmetro, experimentaram práticas de compostagens, caldas naturais, medicamentos naturais para criação animal com o uso de plantas medicinais cultiváveis e da Caatinga, beneficiamento de cera apícola no próprio agroecossistema, preparo e fornecimento de alimentação para criação animal, e também para enxames apícolas.



CONQUISTAS E AVANÇOS PARA ALÉM DA ASSESSORIA TÉCNICA

Vendas institucionais Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)



Os Programas de comercialização institucional- Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado pelo art. 19 da Lei nº 10.696, de 02 de julho de 2003, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), regulamentado pela Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, foram determinantes para a valorização e visibilização da agricultura familiar no país e promoção de acesso à alimentação saudável. Do ano de 2016 até o final de 2022, houve a extinção do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), que ocasionou a inviabilidade da continuação desses e outros importantes programas para Agricultura Familiar.

Em 2020, mais de 800 organizações da sociedade civil apresentaram ao Governo Federal uma proposta para o fortalecimento do PAA. Diante disso, o governo destinou 500 milhões para o PAA emergencial. Em Pilão Arcado foi disponibilizado e executado o recurso de aproximadamente R\$90.000,00, proporcionando geração de renda para agricultura familiar, e disponibilizando alimento de qualidade para pessoas em situação de insegurança alimentar do município.

Nessa oportunidade, sete agricultores e agricultoras assessorados pela ATER Agroecologia comercializaram para o PAA Emergencial um montante de R\$17.667,01. As famílias ficaram muito animadas com a comercialização e também pela experiência de terem sua produção valorizada, chegando à mesa de quem tanto necessita.

O PNAE oferece alimentação escolar a estudantes da educação básica pública do país. De acordo com a lei nacional, pelo menos 30% dos recursos do PNAE devem ser direcionados à agricultura familiar. Essa medida é um grande avanço para alimentação escolar, pois garante alimento limpo de agrotóxico e de qualidade aos estudantes, além de valorizar a agricultura familiar.

O grupo de agricultores e agricultoras da Associação Agropastoril das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto de Lagoa do Anselmo e Baixão, no município de Pilão Arcado, trabalham com diversidade de produção agroecológica em hortaliças, algumas frutíferas, cultivos em áreas de sequeiro, criação de pequenos, médios e grandes animais, atividade apícola e o extrativismo. Com a produção, é garantida a Segurança Alimentar e Nutricional das famílias, e o excedente é comercializado há alguns anos ao PNAE.

Foram comercializados anualmente, aproximadamente R\$70.000,00 em produtos como: mel, tempero verde, tomate, abóbora, alface, pimentão, feijão, farinha de mandioca, ovos, carnes de caprinos, entre outros. O acesso ao PNAE trouxe motivação para a agricultura familiar nessas comunidades, pela oportunidade de melhorar a renda, e vem incentivando a busca pelo acesso a outras políticas públicas.



REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO

Com a criação do Código Florestal em 25 de maio de 2012 da Lei nº 12.651, se tornou obrigatório que todas as propriedades rurais individuais ou coletivas façam o Cadastro Ambiental Rural (CAR). No estado da Bahia, o CAR é chamado de Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais (CEFIR).



No território Sertão do São Francisco, são predominantes as comunidades que se autorreconhecem como Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto e faz-se necessário realizar o CEFIR das mesmas. O CEFIR juntamente com a organização da comunidade permitirá identificar áreas preservadas, planejar uso de áreas, regularizar os documentos do CEFIR individual e coletivo das famílias, proteger as áreas coletivas que vivem em constantes ameaças e combater a degradação da natureza, além de permitir acesso às políticas públicas.

Com assessoria do projeto ATER Agroecologia orientando e discutindo sobre a importância do cadastro, em parceria com o Governo do Estado da Bahia, em março do ano 2023, a comunidade Três Carnaúbas, em Pilão Arcado, iniciou o processo de regularização ambiental com o CEFIR coletivo. As famílias das comunidades se animaram com o acesso ao CEFIR, pois apostam que o cadastro é mais um instrumento de autorreconhecimento da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto, contribuindo para a proteção de áreas coletivas.

Apesar das inúmeras vantagens e de ser um documento obrigatório, não é fácil para as comunidades acessarem o cadastro. Nesse sentido, é imprescindível que as comunidades continuem pautando ao Estado, estrutura que garanta atendimento às demandas das Comunidade Tradicionais de Fundo de Pasto, além de celeridade a sua realização, pois as ameaças aos territórios tradicionais nunca foram tão grandes com a invasão de empreendimentos de mineração e eólicas.

PROTAGONISMO DAS MULHERES

Um dos princípios na ATER é a equidade nas relações de gênero, pensando nisso, a execução deste Projeto possibilitou observar os desafios e avanços das mulheres na zona rural. Uma vez que, a sociedade patriarcal impõe que os trabalhos domésticos e de cuidados com outras pessoas são de responsabilidade das mulheres.

A sobrecarga de trabalhos domésticos e a responsabilidade por tais serviços, ainda é motivo pelo qual as mulheres não estão presentes em espaços de decisão, formação e até mesmo lazer. Na oportunidade da ATER Agroecologia, a obrigatoriedade na chamada de participação das mulheres, efetivamente se cumpriu. Houve diversas dificuldades, durante todo o projeto, para garantir a participação frequente das mulheres nos espaços, mas foram dificuldades vencidas. As mulheres majoritariamente participaram do Projeto.

Foi possível avançar em discussões com as famílias, sobre diversos temas, como: sociedade com condições justas para as mulheres; contextualização das conquistas ao longo do tempo; divisão justa do trabalho doméstico; violências contra a mulher; autonomia financeira; ocupação de espaços de construção do conhecimento e de decisões.

As agricultoras também conheceram e experimentaram a Caderneta Agroecológica, uma ferramenta de sistematização que tem contribuído na reflexão sobre a produção e o trabalho das mulheres na agricultura familiar. Outro importante elemento que contribuiu para a participação das mulheres foi o edital 015 do Bahia Produtiva, que fomentou quintais produtivos (galinheiros rústicos e viveiros telados com canteiros econômicos), espaços nos quais as mulheres possuem autonomia.





SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

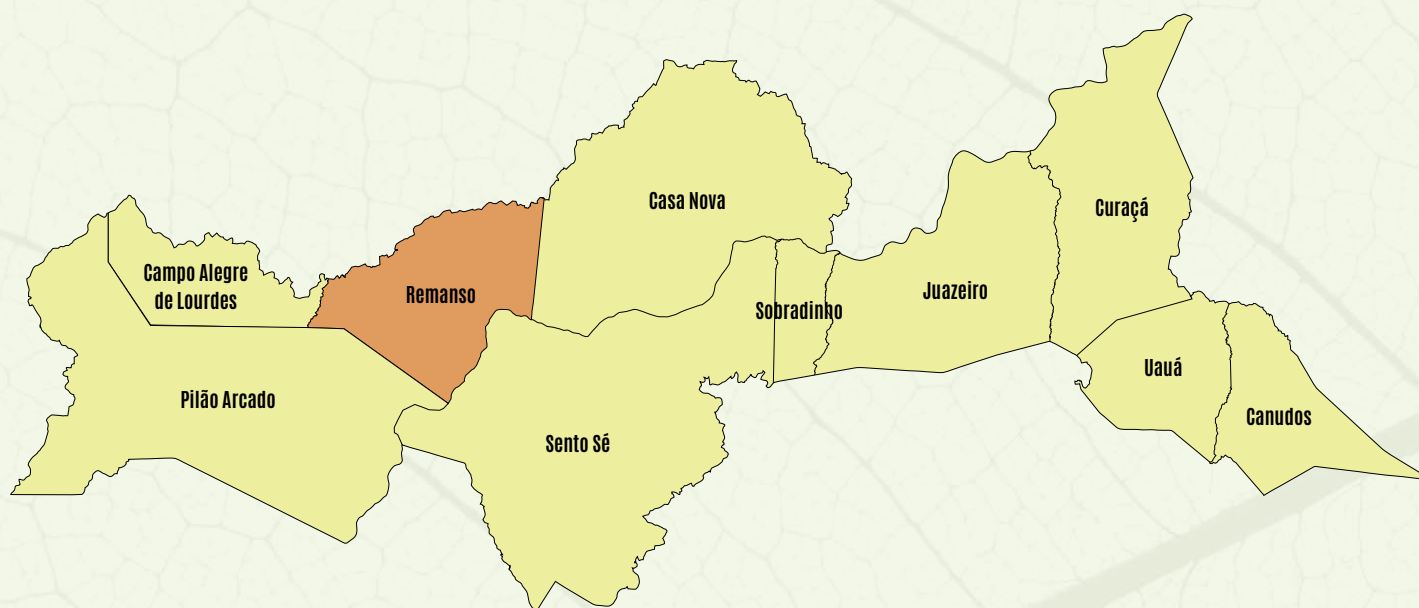
REMANSO



APRESENTAÇÃO DO MUNICÍPIO

O município de Remanso, está situado a 715,4 km de Salvador, com uma área territorial de 4.573,505 km². Remanso conta com uma população de 40.586 habitantes, de acordo com o censo de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Imagem: Mapa do Território Sertão do São Francisco com destaque no município de Remanso.



No município de Remanso, a ATER Agroecologia assessorou as comunidades: Tamboril e Pedrinhas, que ficam em torno de 50 km da sede da cidade, acompanhando 66 famílias, sendo: 50 mulheres (75%); 8 jovens (12,5%) e 8 homens (12,5%).

A comunidade Tamboril e arredores é composta por aproximadamente 200 famílias. Possui perfil urbanizado, com pontos de comércio, padarias, mercearias, posto de saúde e posto de gasolina. A maioria das famílias possui pequenas áreas de cultivo, com uma média de 5 hectares por família, principalmente as localizadas no centro da comunidade, assim o subsistema que mais se destaca são os quintais produtivos. Já as famílias que estão mais afastadas do núcleo da comunidade, possuem áreas maiores e cercadas com mais subsistemas em seus agroecossistemas, como: roçados, criação de aves, caprinos, ovinos e bovinos.

No entorno da comunidade é predominante grandes serras com vegetação nativa preservada, inclusive nas proximidades dessas áreas existem a instalação de apiários compostos por colmeias com abelhas africanizadas (*Apis Mellifera*), a implantação deste subsistema é exatamente por haver maior disponibilidade de pastagem apícola.

Em relação à organização social, em 2020, o presidente atual da Associação conseguiu regularizar a documentação, viabilizando o acesso a políticas públicas, e realização de reuniões mensais para manter a organização da associação.

A comunidade também recebe apoio do Centros Públicos de Economia Solidária (CESOL), com o objetivo de melhorar a organização dos produtos para serem comercializados, como tipos de embalagens, rotulagem e marcas para que, conseqüentemente, proporcionem agregação de valor aos seus produtos quando vendidos nos mercados e feiras.

Já a comunidade tradicional Fundo de Pasto Pedrinhas é composta por 9 famílias e com os aglomerados de Formoso, Laginhas e Vereda das Minas, formam um quantitativo de 32 famílias. Na comunidade existe uma associação formada por jovens egressos da Escola Família Agrícola de Sobradinho (EFAS), juntamente com demais membros das famílias e vizinhanças.

Existe também o grupo Produtivo de Mulheres “Mãos de Fada”, que se formou em 2014 com o objetivo de organizar as atividades sociais e produtivas, e foram orientadas diretamente pela Rede de Mulher Territorial. Em 2018 conseguiram construir um espaço físico próprio com recursos adquiridos por meio de organização social na comunidade. Atualmente, as mulheres, realizam atividades produtivas como: criação de abelhas, cultivos de plantas forrageiras, hortaliças nos quintais produtivos, criação de animais, produção de queijo, requeijão e demais produtos, que são comercializados para o Programa de Alimentação Escolar (PNAE). Essas mulheres desenvolvem atividades sociais como mutirões e encontros mensais para tratar das demandas internas do grupo e fortalecimento da organização social.

Nessas duas comunidades, a renda é proveniente do cultivo de hortaliças, criação de ovinos, mel e produção de doces derivados do leite e produção de queijo, requeijão e subprodutos derivados de leite. As famílias produzem para o consumo, vendem nas comunidades vizinhas, fazem doações, comercializam na feira agroecológica, feiras livres e para a merenda escolar, através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Além disso, a fonte de água dessas comunidades é oriunda de cisternas de consumo, cisternas de produção, barreiros trincheiras e poços artesianos. Em relação a disponibilidade de água existem famílias que necessitam de reservatórios para captar água das chuvas, principalmente, para a produção, havendo uma necessidade de acesso a políticas públicas. Na comunidade é predominante a caatinga com vegetação nativa preservada, e nestas áreas existe a instalação de apiários composto por colmeias com abelhas africanizadas (*Apis Mellifera*).

Após receber a assessoria técnica, as famílias obtiveram vários resultados positivos, como: acesso a outras políticas públicas; aumento na produção de alimentos garantindo segurança alimentar e nutricional; adoção de melhores práticas produtivas, a partir das visitas técnicas, atividades coletivas e intercâmbios, sendo elas: produção de caldas naturais, compostagem, biofertilizantes, cobertura vegetal nos plantios, rotação de cultura, consórcios entre plantas, vermífugo natural e saís com plantas da Caatinga para os animais.

Acesso ao conhecimento transforma realidades na comunidade Pedrinhas em Remanso

É assim, entre cultivos como plantação de abóbora, no cuidado da criação de galinhas, de caprinos e ovinos ou com um cesto recheado de produtos que Dona Francineide Brito (55) evidencia a força das mulheres na agricultura familiar. Imagens que demonstram a dimensão do quanto o trabalho dedicado, o impulso positivo da coletividade e o apoio de políticas públicas de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) podem resultar na potencialização da Agroecologia no Semiárido e da Convivência com essa região como um caminho para garantir dignidade aos povos que vivem nela.

A rotina dessa agricultora familiar da comunidade Pedrinhas, em Remanso-BA, assim como a de muitas outras mulheres de áreas rurais do Semiárido, é intensa, começa cedinho e envolve atividades diversas: molhar os canteiros, cuidar da criação e ainda realizar diversos afazeres domésticos; e Dona Francineide faz tudo com muito vigor e disposição, com a ajuda do esposo e de toda família, que vive no Sítio São Jorge, em uma área de pouco mais de cem hectares. Foi nessa região que ela e o companheiro, o senhor Elias Brito (63), nasceram, cresceram e constituíram uma família, que, atualmente, reúne mais cinco pessoas, um casal de filhos, dois netos e a nora.

Foto: Dona Francineide e seu cultivo de abóbora.





Foto: Produção agroecológica de dona Francineide.

Desde que passou a receber acompanhamento através da ATER Agroecologia, a família de Dona Francineide teve a oportunidade de aprimorar as práticas agroecológicas. Como resultado, a agricultora aumentou em mais de 6 vezes a produção de aves, por exemplo, entre 2020 e 2022, período de execução do Projeto. Enquanto que o investimento em insumos foi reduzido em 54%. Além disso, houve também ganho na renda não monetizada, porque o consumo do que foi produzido gera uma economia significativa pelo fato de não ter necessidade de comprar.

Dona Francineide também avalia que as formações sobre produção de remédios caseiros foram fundamentais para esse avanço. “Às vezes, a gente não tinha o conhecimento e a gente conseguiu ter o conhecimento, o que era bom pra planta. Porque sempre vinha muita praga, até hoje (vem). Mas, já com os remédios a gente vai combatendo”.

Juntamente com as formações e atividades de assessoria, os saberes foram aprimorados também com intercâmbio, uma oportunidade para conhecer realidades diferentes e se inspirar no que está sendo feito por outras famílias agricultoras e que pode agregar nas práticas agroecológicas. “Fui em Juazeiro, gostei bastante do intercâmbio de 3 dias. Foi muito importante, porque a gente aprende. Cada dia que a gente acessa um curso, um ensino, a gente aprende mais. E eu acho assim que foi na produção das hortaliças. Tá indo muito bem”, celebra dona Francineide.

Hoje, além de conseguir autonomia em boa parte dos alimentos para o sustento da casa, poder acessar espaços de comercialização e escoar o excedente da produção é um ganho importante para a família de dona Francineide e o senhor Elias. Os “frutos” colhidos na área familiar têm desde hortaliças até itens beneficiados artesanalmente, como doces e o queijo de leite de cabra. Isso tudo impacta na renda, porque “de primeiro (antes), a gente tinha uma coisa e, às vezes, até perdia, porque a gente não dava conta de consumir aquilo. E hoje já tem as feiras que a gente pode passar, as escolas. Eu acho que melhorou bastante!”, enfatiza a agricultora familiar.

Essa ênfase no acesso a políticas públicas é importante, porque reflete o bom desempenho da família na produção agroecológica e no acesso às informações, mediadas pela Assessoria Técnica, que geraram esse olhar para a possibilidade de “abrir horizontes”, de ir além. A experiência de dona Francineide demonstra a relevância e aponta o caminho do conhecimento, da partilha de saberes, principalmente entre agricultores/as.





Foto: Tarires e sua paixão pela apicultura.

Formações resultaram em aumento da produção apícola e mais engajamento comunitário na região do Major em Remanso

Na comunidade Vereda das Minas, na região de Major, em Remanso-BA, encontramos uma agricultora familiar que descobriu na apicultura uma paixão e que hoje tem essa atividade como sua principal fonte de renda. Tarires Rodrigues Alves (31) apresenta com orgulho uma área contendo suas 15 caixas de abelhas.

Assim, com sorriso estampado no rosto, Tarires conta que herdou da mãe, dona Emidea Rodrigues, o gosto pela criação de abelhas. Na época, dona Emidea tinha apenas cinco caixas. Com o passar do tempo, a partir do interesse e engajamento nos projetos que chegavam à comunidade, Tarires Alves foi evoluindo nas práticas produtivas. E não foi diferente quando ela teve a oportunidade de receber assessoria pelo projeto ATER Agroecologia, que proporcionou espaços de formação que foram fundamentais para o aprimoramento da atividade.

Tarires afirma que o melhoramento das práticas permitiu que, em algumas colheitas com a florada boa, a produção chegasse até a dobrar. E ainda que isso se deve ao fato dela ir fazendo “curso de apicultura, como o manejo desde o pegar, até a produção, manejo de ração no tempo da estiagem”. Consequentemente, “Melhorou muito na produção de mel”, enfatiza a produtora, que em uma das colheitas recentes retirou mais de 125 quilos de mel.

É na sombra de uma árvore, localizada na área familiar, que Tarires cuida da limpeza das caixas e realiza as etapas iniciais para a produção artesanal de cera, um item muito importante no processo de captura de enxames e também para acelerar a produção do mel. “A cera, a gente não compra, porque eu mesma produzo da minha, das abelhas que eu tiro eu faço o processo, aí eu não gasto com cera”.

Além de todo o zelo no cuidado com a criação de abelhas, a agricultora destaca a prática de produção de forragens como fruto das formações proporcionadas pelo projeto. “A gente achava que só a pastagem do mato criava, e hoje, graças a Deus, eu tenho bastante forragem, dá pra suprir meus animais. Foi através desses cursos que eu participei e assim eu fui melhorando minha produção de forragem”, enfatiza.

Seja para a criação de animais, de galinhas, ou de uma horta, Tarires ressalta ainda a importância de ter uma fonte de água destinada para a produção. “Horta a gente labuta, pouca, mas a gente labuta pro consumo da família mesmo e eu acho que melhorou 100%; porque antes a gente tinha só uma cisterna de produção. Hoje a

gente tem uma cisterna calçadão de 52 mil litros”. A água da chuva garante a produção agroecológica, por exemplo, de milho, feijão e abóbora. Na criação de galinhas, Tarires conta com o auxílio da mãe, mas o manejo do galinheiro também faz parte da rotina. Se o acesso às tecnologias impulsionaram a produção de alimentos e as formações auxiliaram na diversidade e qualidade dos cultivos, a agricultora pontua outro aspecto fundamental: o engajamento comunitário. De acordo com Tarires, tudo isso foi transformador para a realidade local. E ainda que a integração de políticas públicas resultaram em ações na região, sendo um “despertar” para ela e outros/as jovens. “Eu não tinha essa visão, depois que eu comecei a gostar do trabalho, aí a gente começou a puxar. Veio vários projetos, de galinheiro, de aprisco, a gente começou a se engajar em associação. Os jovens daqui não ligavam para isso, aí depois que o Irpaa entrou (com ações na comunidade), a gente começou a se engajar nas associações, a gente foi tendo mais conhecimento”, finaliza.

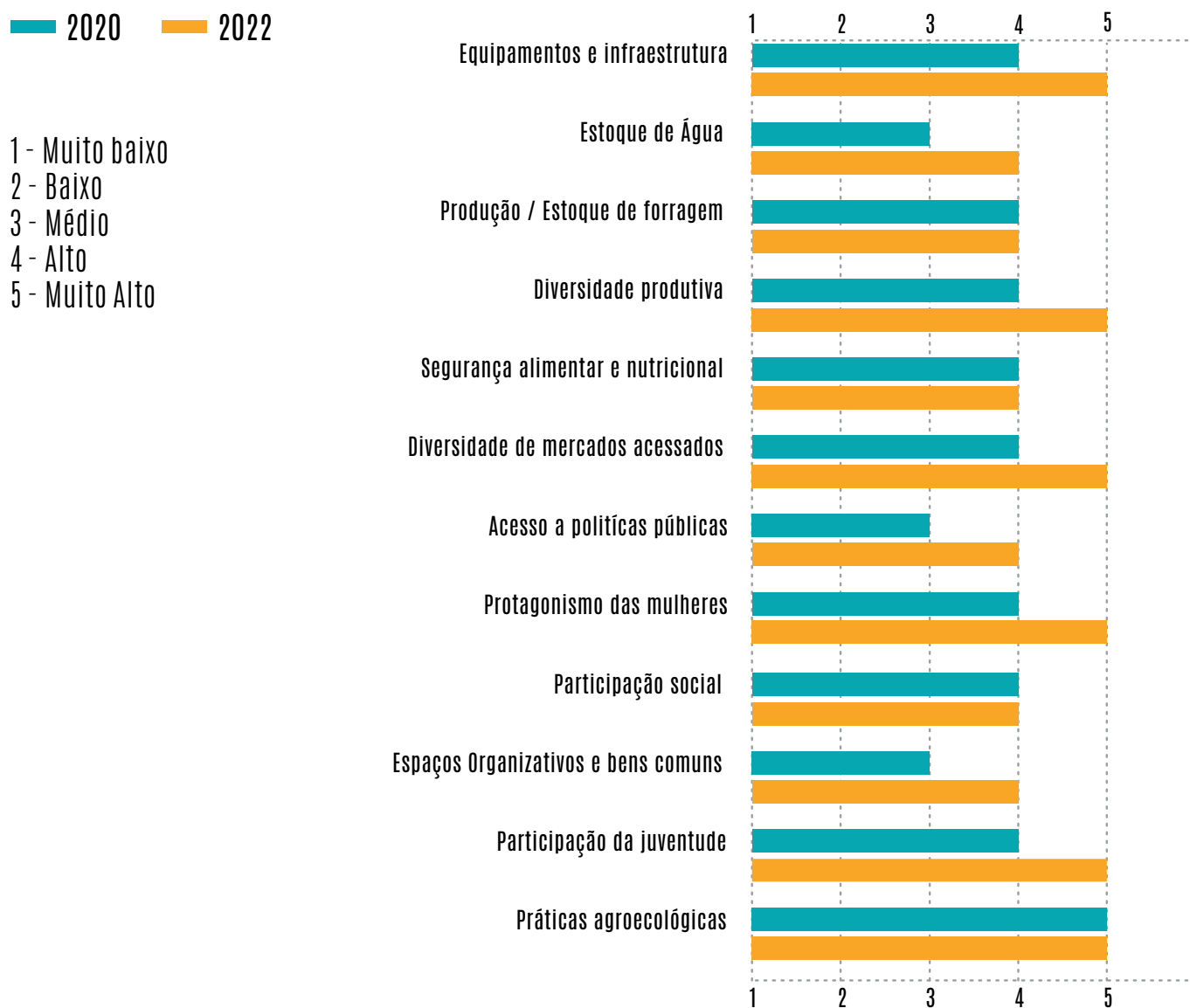
Diferentemente do que viu de resultados e diversidade produtiva no passado, com o trabalho da mãe, Tarires afirma e evidencia que vive outra realidade, porque conquistou a autonomia através da sua produção, tem uma participação comunitária ativa e ainda consegue se articular para ocupar espaços de comercialização, como as feiras agroecológicas da região.

Foto: Tarires produz de forma artesanal a cera para as abelhas.



ANÁLISE DAS CARACTERIZAÇÕES EM REMANSO

Agregação das caracterizações dos agroecossistemas do município de Remanso



Em Remanso é possível verificar os diversos avanços proporcionados às famílias agricultoras, a partir da assessoria técnica, comparando o início e final do projeto. como veremos em seguida:

- Equipamentos e Infraestrutura

Esse parâmetro teve um aumento, pois algumas famílias compraram ou tiveram acesso a alguns equipamentos através do edital 015 do Bahia Produtiva, como: (máquina forrageira para produzir alimentação para os animais; galpão apropriado para armazenamento de forragem produzida na propriedade; viveiros telados que possibilitam melhor produção; galinheiro que proporciona manejo alimentar e sanitário adequados, resultando em animais saudáveis e produtivos; kit apícola completo e estrutura para beneficiamento de produtos derivados do leite).

- Estoque de água

Algumas famílias aumentaram a possibilidade de captação e armazenamento de água de chuva, mas ainda existe uma grande dificuldade pois alguns agricultores/as possuem somente a cisterna de consumo, sendo necessárias tecnologias voltadas à produção.

- Produção/estoque de forragem

As famílias realizam vários cultivos de forrageiras apropriadas como: leucena, gliricídia, palma, pornunça, moringa, mandioca e capim, tanto na sua propriedade quanto na beira da Barragem de Sobradinho para armazenar e alimentar os animais no período de estiagem.

- Diversidade produtiva

As famílias possuem grande diversidade produtiva em seus subsistemas, sendo bastante nítido a integração entre os subsistemas ali existentes, como: criação animal (caprinos, ovinos, suínos, bovinos e aves); atividade apícola; roçado (milho, feijão mandioca, abóbora, melancia, maxixe, melão e gergelim); quintal produtivo (frutíferas, hortaliças e medicinais); e plantas adaptadas para a região.

Com essa diversidade, os animais recebem alimento dos roçados, e em contrapartida produzem adubos para os roçados. Além disso, o esterco também é utilizado para fazer compostagem para inserir nos canteiros, favorecendo melhor produção vegetal.

- Segurança alimentar e nutricional

As famílias continuam tendo uma alimentação adequada, de qualidade e quantidade suficiente de alimentos saudáveis. Os/as agricultores/as produzem de forma agroecológica, com a produção de diversos produtos utilizados para sua alimentação e para comercialização. Porém, ainda há certa dependência de produtos alimentícios externos.

- Diversidade de mercados acessados

O excedente da produção é comercializado nas feiras locais e agroecológicas, verdurões, de porta em porta e algumas famílias destinam parte da produção ao PNAE.

- Acesso a políticas públicas

Apesar de algumas famílias acessarem políticas públicas importantes como ATER, P1+2, garantia safra, créditos rurais, Bahia Produtiva, ATER Agroecologia, Bolsa Família, PNAE, apoio à comercialização e aposentadoria rural dentre outros, ainda existe necessidade da política pública que assegure energia elétrica e mais reservatórios de água.

- Protagonismo das mulheres

Algumas famílias utilizam a divisão justa do trabalho doméstico, as mulheres participam das atividades domésticas e dos processos nos agroecossistemas, tendo total autonomia nas demandas de produção e comercialização. As mulheres têm assumido o papel de protagonismo nas comunidades e estão cada vez mais atualizadas sobre a divisão justa do trabalho. As lideranças das comunidades se organizam em grupos de mulheres para debater ações sociais da própria comunidade e buscam formações com o apoio do Governo do Estado e do Irpaa.

- Participação social e Espaços organizativos

As famílias participam de espaços sociais importantes como: associação, sindicato, rede de mulheres, grupo de mulheres, grupo produtivo de mulheres, sindicato dos trabalhadores rurais e mutirões. Porém ainda falta a participação em outros espaços como: cooperativa, comitês, grupos de trabalho com jovens.

- Espaços organizativos e bens comuns

Existe uma participação e organização em prol de objetivos comuns e busca por melhorias para a comunidade.

- Participação da juventude

Embora exista uma crescente migração da juventude do campo para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida, o famoso êxodo rural, a participação e o fortalecimento da juventude são percebidos tanto nas tomadas de decisões juntamente com a sua família, quanto na parte produtiva do agroecossistema e organizativa. Participam dos encontros com a juventude e são responsáveis pelas demandas de organização social da comunidade.

- Práticas agroecológicas

As famílias desenvolvem atividades com manejo agroecológico, utilizando esterco da produção animal nos

canteiros e nos roçados, melhorando a qualidade do solo. Fazem cobertura vegetal no berço das plantas, como forma de manter as plantas mais úmidas em seu sistema radicular, produzem caldas naturais, compostagem e biofertilizantes para nutrir as plantas, rotação de culturas, consorciação de culturas, selecionam e armazenam sementes, produzem e armazenam alimentos para suprir as necessidades dos animais no período de estiagem. Ainda dependem de insumos externos, como: milho em grão, torta de algodão, medicamentos e sal para os animais.





Foto: Alimentos agroecológicos para a alimentação escolar.

CONQUISTAS E AVANÇOS PARA ALÉM DA ASSESSORIA TÉCNICA

VENDAS INSTITUCIONAIS PNAE

Com o PNAE, algumas associações começaram a fornecer alimentos da agricultura familiar ao município de Remanso. A Associação do Tamboril, Associação das Pedrinhas, Associação do Major e Associação de Lagoa dos Cavalos, oferecem produtos como: coentro, alface, abóbora, couve, pimentão, tomate, cebolinha, macaxeira, banana, mel, carne de bode e beterraba, para a merenda das escolas municipais. A adesão ao Programa facilita a comercialização dos alimentos e é mais uma possibilidade de acesso ao mercado pelas famílias, melhorando suas rendas.

Através do PNAE, as associações das comunidades de Lagoa dos Cavalos, Major, Pedrinhas e Tamboril, no município de Remanso, compostas por sócios, assessoradas pela ATER Agroecologia realizaram a venda de produtos oriundos da agricultura familiar, ou seja, os/as agricultores/as com apoio da assessoria técnica conseguiram realizar projetos de vendas com o objetivo de comercializar o excedente da produção, resultando em melhor agregação de valor aos seus produtos e geração de renda para as famílias.

Os produtos comercializados são diversos, sendo de origem animal: carne de caprino, carne de ovino e mel; e vegetal: coentro, salsa, cebolinha, pimentinha, couve alface, pimentão, abóbora, abobrinha, batata doce, mamão, limão e macaxeira. A forma de produção e toda a diversidade de alimentos atendem às exigências impostas pelos editais a cada ano.

Saneamento Ambiental e Reúso de Água (SARA)



Foto: Tecnologia SARA (Saneamento Ambiental e Reúso de Água)



A Política Nacional de Saneamento define saneamento básico como o conjunto de serviços, infraestruturas e instalações de abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos e drenagem de águas pluviais urbanas. Pouco se tem avançado na prestação desses serviços para a população, e principalmente para a população da zona rural. Uma importante, e eficiente estratégia para mitigar tal situação, tem sido as experimentações de tecnologias de reúso de águas servidas, para uso em cultivos agrícolas.

A partir do projeto “Produção de palma forrageira e reúso agrícola: alternativa para Convivência com o Semiárido”, 11 famílias assessoradas pela ATER Agroecologia nos municípios baianos de Remanso e Pilão Arcado acessaram o Saneamento Ambiental e Reúso de Água (SARA), uma tecnologia de reúso total das águas servidas das residências, composta por um reator anaeróbico e lagoas de polimento. O projeto foi executado pelo Instituto Nacional do Semiárido (INSA) em parceria com o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), do Governo Federal e Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).

Essa tecnologia possibilita mudanças nas condições de descarte dos resíduos líquidos das residências, que, geralmente, são destinados à fossa sumidora, contaminando o lençol freático, sem tratamento, podendo prejudicar a saúde das famílias. Assim, a SARA se apresenta como mais uma solução para o saneamento rural, proporcionando ainda, água para produção agrícola no Semiárido.

COMERCIALIZAÇÃO EM FEIRAS AGROECOLÓGICAS

A Feira Agroecológica de Remanso acontece todas as sextas-feiras na nova cobertura do Mercado Municipal, no centro da cidade. Qualquer agricultor e agricultora que produz de forma agroecológica, pode comercializar seu excedente na feira, integrando o grupo.

As feiras agroecológicas são estratégias que dinamizam a produção do campo, proporcionam a divulgação e o acesso a alimentos saudáveis, além de garantir o aumento da renda dos/as agricultores/as. Esses espaços também fortalecem a organização comunitária, pois geralmente são pensados e realizados de forma participativa e inclusiva. Além de oferecer alimentos produzidos sem veneno e insumos químicos, as feiras agroecológicas também difundem a necessidade de conservação da natureza.

As associações das comunidades Pedrinhas e Tamboril estão inseridas na feira agroecológica. Nos grupos da associação são debatidos quais produtos eles irão trazer para feira, dentre eles: tapioca, sequilho de mandioca, farinha, farinha de borra, macaxeira, puba, massa, feijão, milho, limão, laranja, tangerina, abóbora, tomate, pimentão, coentro, couve, alface, pimenta, carne de galinha, ovos, doce de barra, queijo e requeijão.

Atualmente, devido ao grande crescimento do número de participantes, a feira já tem seu próprio regimento, o qual foi construído pelos próprios agricultores/as com apoio das instituições parceiras. A feira agroecológica vem para alavancar a produção de produtos agroecológicos, animando os/as agricultores/as por ter um espaço exclusivo para venda dos seus produtos.



ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Através da assessoria técnica do projeto ATER Agroecologia, as comunidades avançaram nos aspectos da organização social e econômica. O social por se tratar da organização e regularização das associações, que antes de modo geral, tinham algumas irregularidades; além de incentivar a organização em forma de grupos e o desenvolvimento de trabalhos coletivos, com práticas de mutirões para realizar serviços comunitários de bem comum. Exemplo disso, são as comunidades Lagoa dos Cavalos e Pedrinhas em Remanso, com o protagonismo das mulheres.

Lagoa dos Cavalos recebeu assessoria técnica direta pela primeira vez e as famílias aproveitaram de fato a oportunidade, pois vários avanços foram obtidos. Atualmente, as mulheres dessa comunidade conseguem se envolver nas tomadas de decisões familiares, nos agroecossistemas, produzem hortaliças, comercializam de porta em porta na sede do município e fornecem para a merenda escolar através do Programa de Alimentação Escolar (PNAE). A partir disso, é possível visualizar geração de renda para as famílias e, principalmente, para as mulheres que antes do projeto não tinham esses resultados.

Outro exemplo é a comunidade de Pedrinhas, com o grupo de mulheres conhecido como “Mãos de Fada”. O grupo estava desmotivado, desde do período pandêmico, e através da assessoria técnica foi possível reanimar o grupo com a realização de atividades coletivas, visitas individuais e intercâmbios. Essas ações contribuíram bastante para reanimar o grupo, que reúne 11 mulheres e 4 jovens que realizam encontros mensais para tratar das demandas internas.

Outro fator importante foi os avanços nos quintais produtivos, pois as mulheres tinham muita dificuldade para produzir hortaliças. E a partir desse diagnóstico foi realizada visitas com orientações de como produzir biofertilizantes, compostagem e caldas naturais para utilizar na prevenção de pragas e doenças das culturas. A partir dos acompanhamentos, o grupo de mulheres se fortaleceu e está comercializando diversos produtos agroecológicos em feiras livres, feiras agroecológicas do município e para o PNAE, gerando renda e autonomia para as participantes do grupo.

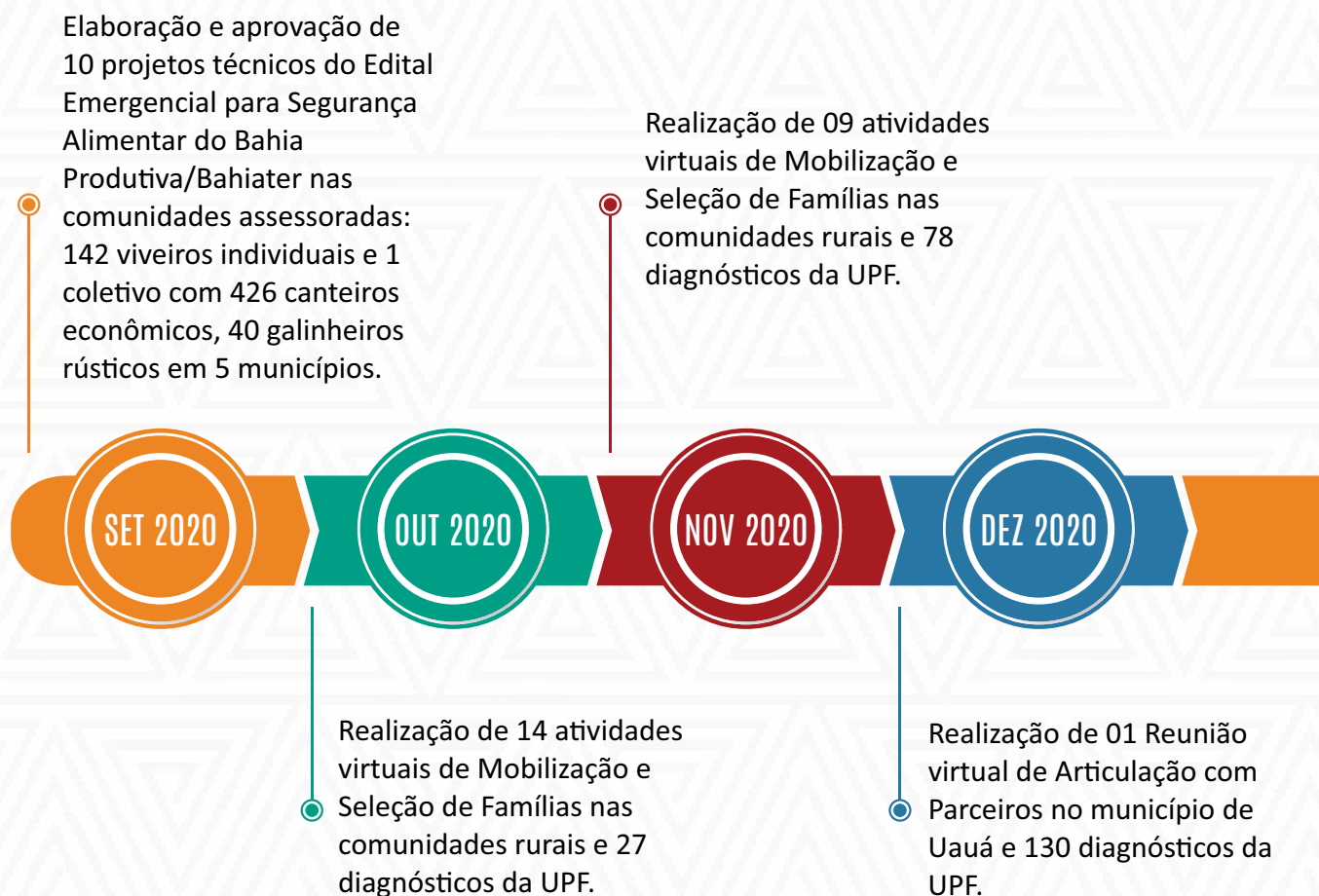


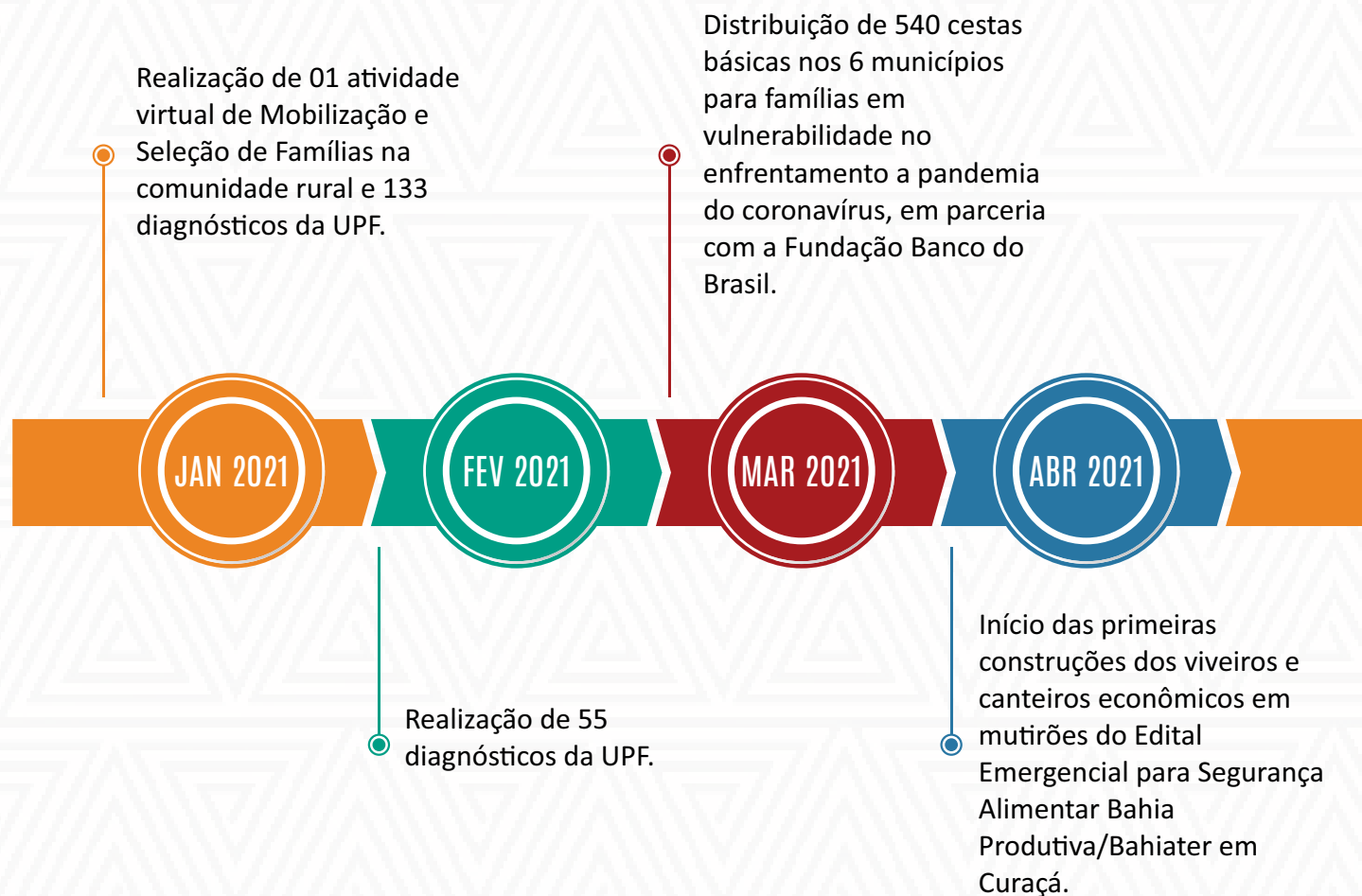
SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

RESULTADOS GERAIS



LINHA DO TEMPO DA ATER AGROECOLOGIA 2020 A 2023





Famílias assessoradas em 07 comunidades nos municípios de Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado assinam contratos para o PNAE e/ou PAA Estadual.

Realização de 15 Diagnósticos Comunitários Participativos

MAI 2021

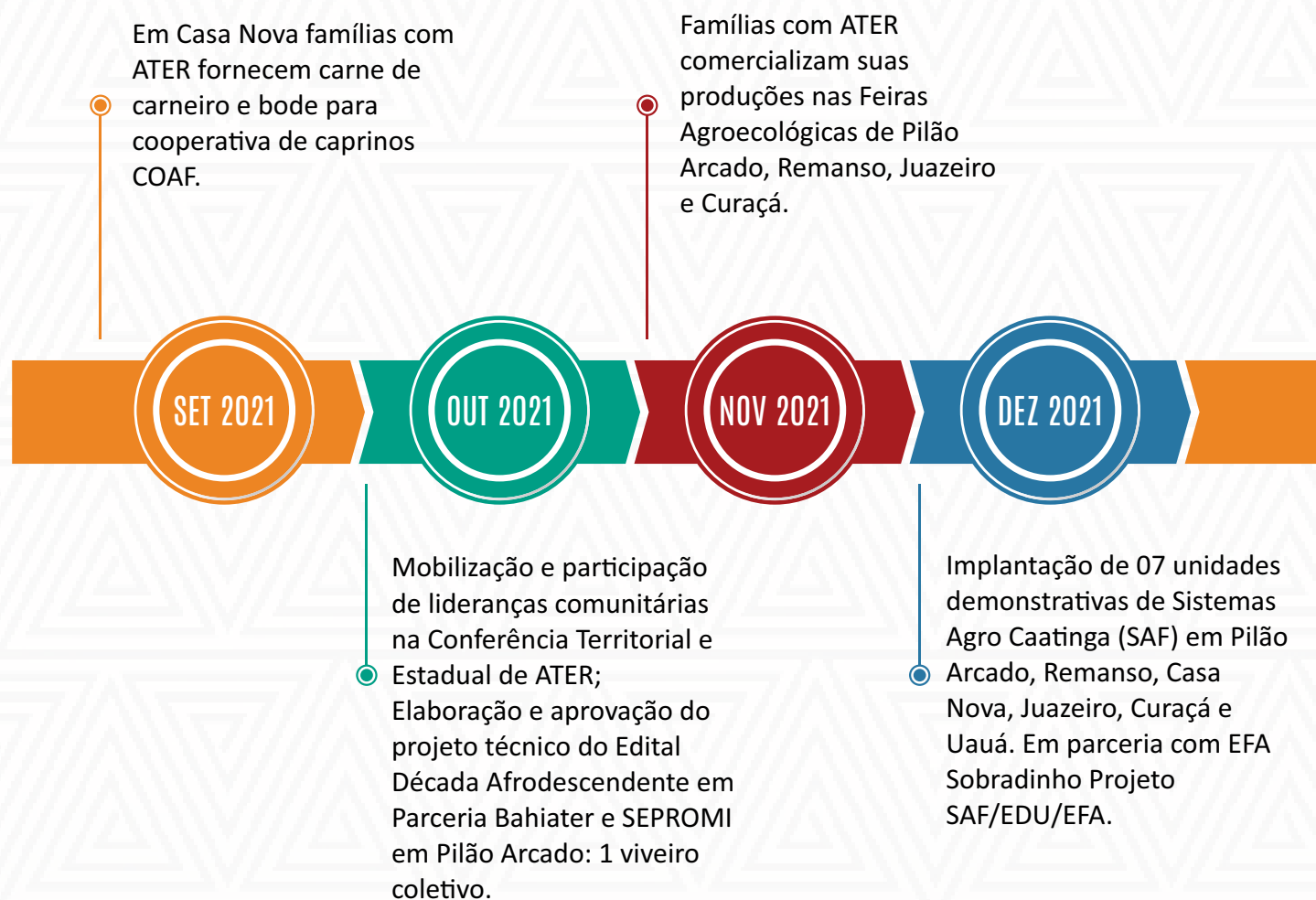
JUN 2021

JUL 2021

AGO 2021

Realização de 07 Diagnósticos comunitários participativos

Famílias assessoradas com Ater/Bahiater em Curaçá acessaram o Projeto Bahia Produtiva - Aliança Produtiva para comercializar a produção animal de caprinos e ovinos.



Distribuição de 110 cestas básicas nos municípios de Juazeiro e Uauá para famílias assessoradas que estavam em situação de vulnerabilidade durante a pandemia do novo coronavírus. Ação em parceria com a Fundação Banco do Brasil.

Chegada de energia elétrica nas comunidades assessoradas de Mimoso e Salãozinho em Casa Nova; e Barra da Fortuna em Uauá.

JAN 2022

FEV 2022

MAR 2022

ABR 2022

Jovens assessorados/as recebem formação sobre Economia Solidária e Fundo Rotativo Solidário em Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado.

Representantes das associações recebem formação continuada para adequar os estatutos e outros documentos das associações ao Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC) para acesso às políticas públicas.

Famílias assessoradas em Uauá se tornam cooperadas e comercializam suas produções na Cooperativa Coopercuc.

Início dos Intercâmbios de 24h para visitar Coopercuc, Coopervida, Armazém da Caatinga, Queijaria, etc.

Mulheres nos 6 municípios recebem formação e Cadernetas Agroecológicas e 24 delas tiveram sistematizadas as suas produções anuais.

MAI 2022

JUN 2022

JUL 2022

AGO 2022

60 famílias assessoradas em Casa Nova recebem formação, mudas e iniciam o cultivo de Plantas Alimentícias Não - Convencionais (PANC).

SEPROMI faz visita em Casa Nova para auto identificação de Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto. Em Pilão Arcado, famílias recebem formação sobre auto identificação como Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto.

Em parceria com o SETAF/Bahiater foram realizados mutirões e encaminhamentos para realização de inscrição no Garantia Safra nos 6 municípios.

Kits apícolas em parceria com o Projeto Agroindústria do Bahia Produtiva são entregues em Remanso.

SET 2022

OUT 2022

NOV 2022

DEZ 2022

Em Remanso, na comunidade Tamboril e arredores, famílias assessoradas com ATER recebem Barreiros Trincheiras em parceria com a prefeitura municipal.

Famílias assessoradas comercializam seus produtos agroecológicos na recém criada feira da Solidariedade em Uauá.

Famílias na comunidade Caiçara em Juazeiro, comercializam seus produtos para cooperativa de orgânicos - Coopervida, como resultado dos intercâmbios.

Em parceria com o INSA famílias assessoradas recebem tecnologia SARA de Reúso da água e Palma Irrigada, em Pilão Arcado e Remanso. Total de 12 tecnologias implantadas.

JAN 2023

FEV 2023

MAR 2023

ABR 2023

Comunidades assessoradas em Juazeiro iniciam processo de formação sobre Certificação Orgânica Participativa, em parceria com a Rede Povos da Mata.

Comunidade Quilombola Pau Preto, em Juazeiro, forma um grupo de mulheres que desenvolve um trabalho coletivo com derivados da mandioca. Em parceria com a Codevasf, o grupo recebe um kit de cozinha industrial.

Criação de grupo de jovens na comunidade Serra Branca, em Casa Nova; e construção de um viveiro coletivo para produção de hortaliças, a partir da gestão feita pelo grupo de um Fundo Rotativo Solidário.

40 famílias recebem Banco de Forragem coletivo de Palma Irrigada em 10 ha, nas comunidades Tanque Novo e Saquinho, em Juazeiro através de parceria com a Codevasf.

MAI 2023

JUN 2023

JUL 2023

Realização de CEFIR dos territórios e das áreas coletivas dos Povos e Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto de Pilão Arcado e Remanso, a partir de parceria com o INEMA/CAR.

RESULTADOS QUANTITATIVOS A PARTIR DA AGREGAÇÃO DAS CARACTERIZAÇÕES

Podemos verificar no gráfico a seguir, os resultados do projeto comparando as duas aplicações do diagnóstico no início da ação em 2020 e ao final do projeto em 2023.

Assim, é notável o aumento de produção de 96,6%, passando de 3 para 5,9 milhões de reais contabilizados. Esse aumento se deve à potencialização das atividades produtivas nos agroecossistemas e pela diversificação da produção através da orientação da ATER. Vale ressaltar que essa produção é de alimentos saudáveis e agroecológicos.

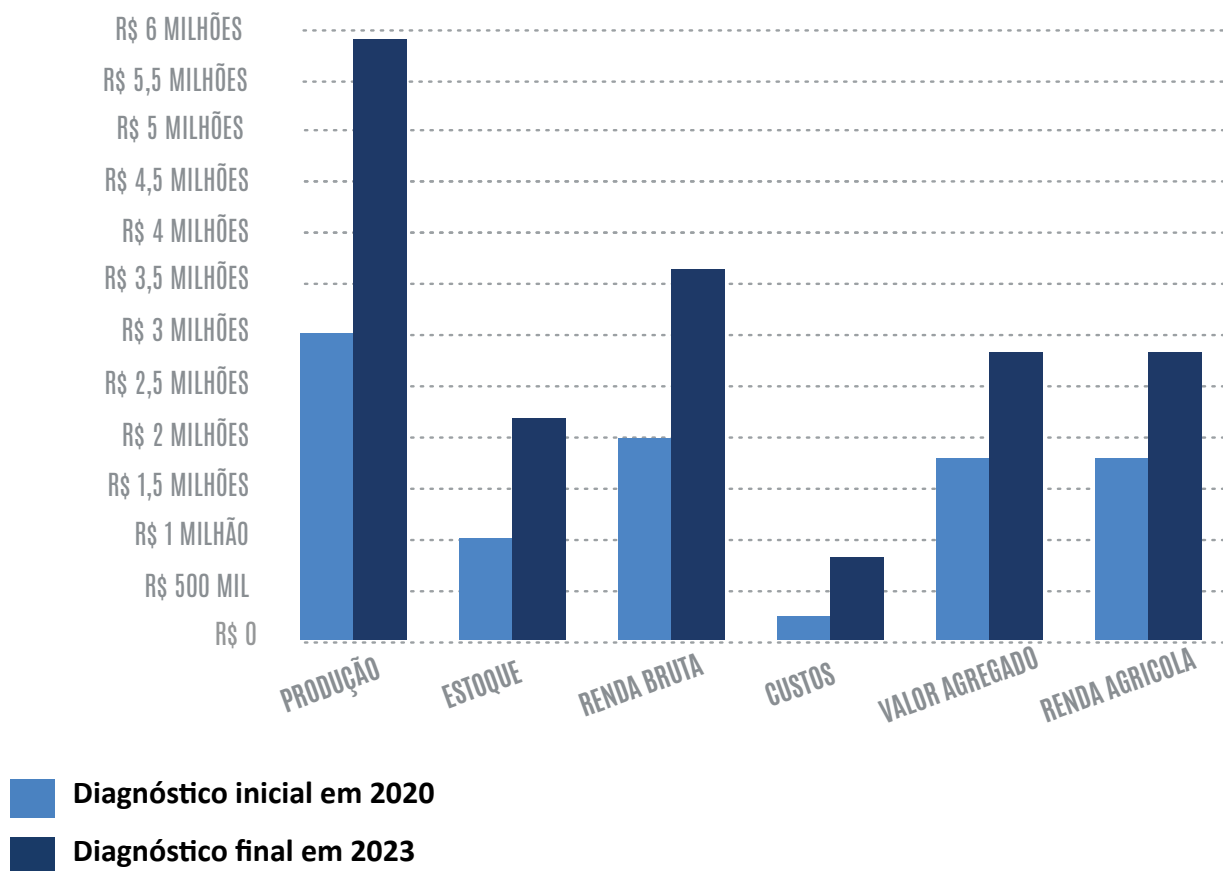


Gráfico: Evolução da produção e rendas antes e após o projeto ATER Agroecologia

A mesma elevação foi verificada nos estoques que variaram de 1 milhão para 2,3 milhões de reais. O estoque é composto por produtos produzidos no ano agrícola que não foram comercializados, tendo como principais produtos na região, caprinos e ovinos que nascem e ampliam os rebanhos.

Por consequência do aumento da produção, a renda bruta das 540 famílias acompanhadas pela ATER Agroecologia saltou de 2 para 3,6 milhões de reais, comparando início e final do projeto. Esse aumento de renda ocorreu a partir da produção agroecológica através de atividades agrícolas, mas também por atividades não agrícolas como: beneficiamento, artesanato, serviços e acesso a políticas públicas.

Em contrapartida, ocorreu aumento dos custos de produção, não por maior demanda de insumos externos, e sim pela inflação no período da pandemia. Mesmo assim, essa variação foi considerada baixa, devido a produção de insumos ser feita pelas próprias famílias, com pouca dependência do mercado.

Outro indicador importante é o valor agregado que representa a geração de riqueza a partir do trabalho da família, sendo o que de fato representa a renda obtida nas atividades desenvolvidas. Nesse cenário, houve aumento de 64,7%, ampliando de 1,7 para 2,8 milhões. Considerando as 540 famílias do projeto, esse resultado foi potencializado através da assessoria técnica que proporcionou melhora nas práticas de manejo e tomadas de decisão no agroecossistema a partir de práticas agroecológicas e de Convivência com o Semiárido.

Na tabela seguinte, podemos ver os principais subsistemas desenvolvidos pelas famílias acompanhadas e a renda média familiar considerando o início R\$11.424,00 e final R\$26.685,00 do projeto, representando um aumento de 133% na renda das famílias. A renda média ao final do projeto equivale a dois salários mínimos mensais a partir do trabalho da família no agroecossistema, evidenciando o potencial de geração de renda no campo pela agricultura familiar.

SUBSISTEMA	PRODUÇÃO MÉDIA 2020	PRODUÇÃO MÉDIA 2023	% AUMENTO
ROÇADO	R\$ 2.465,96	R\$ 4.502,90	83%
criação animal	R\$ 5.713,00	R\$ 13.651,96	139%
AVES	R\$ 1.751,35	R\$ 5.252,30	200%
QUINTAL PRODUTIVO	R\$ 1.178,03	R\$ 2.630,31	123%
MÉDIA TOTAL	R\$ 11.424,20	R\$ 26.685,62	134%

Tabela: Principais subsistemas e suas produções no início e final do projeto ATER Agroecologia.

O principal subsistema responsável pela renda das famílias na região é a caprinovinocultura apresentando maiores valores, mas a diversidade da produção é que garante a resiliência e a sustentabilidade das famílias no campo. O que pode ser comprovado a partir do índice de diversidade abaixo, no qual houve um aumento de 0,64 para 0,7, quanto mais próximo de 1 mais diverso são os agroecossistemas.

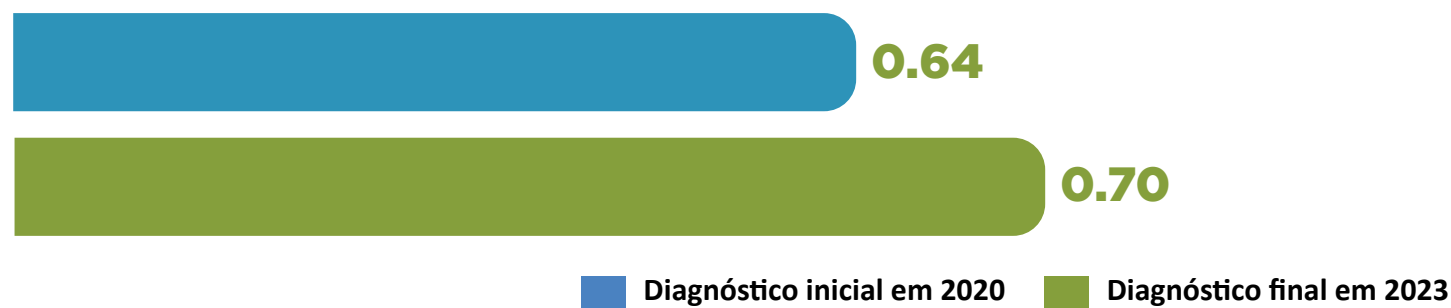


Gráfico: Índice de diversidade



Foram contabilizadas 80 variedades de produtos entre os/as agricultores/as acompanhados pela ATER, esse indicador é potencializado pelas práticas agroecológicas de diversificação de espécies cultivadas, principalmente, as vegetais através dos quintais produtivos e dos roçados, mas também de agricultores e agricultoras que iniciaram a criação de pequenos animais como: aves, suínos e abelhas.

A diversificação da produção de alimentos é uma prática das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, o que garante a autonomia das famílias e a resiliência dos territórios. Essa ampliação na diversidade de produção é importante para a alimentação da família, com mais opções para consumo, mas também para a comercialização em ciclos curtos como encomendas e feiras livres, na qual os consumidores/as têm a mesma exigência para sua alimentação.

Com as práticas agroecológicas é possível melhorar a produção com mais qualidade do solo e mais sanidade dos cultivos, trazendo um retorno positivo ao meio ambiente, isso pode ser verificado nos gráficos a seguir:

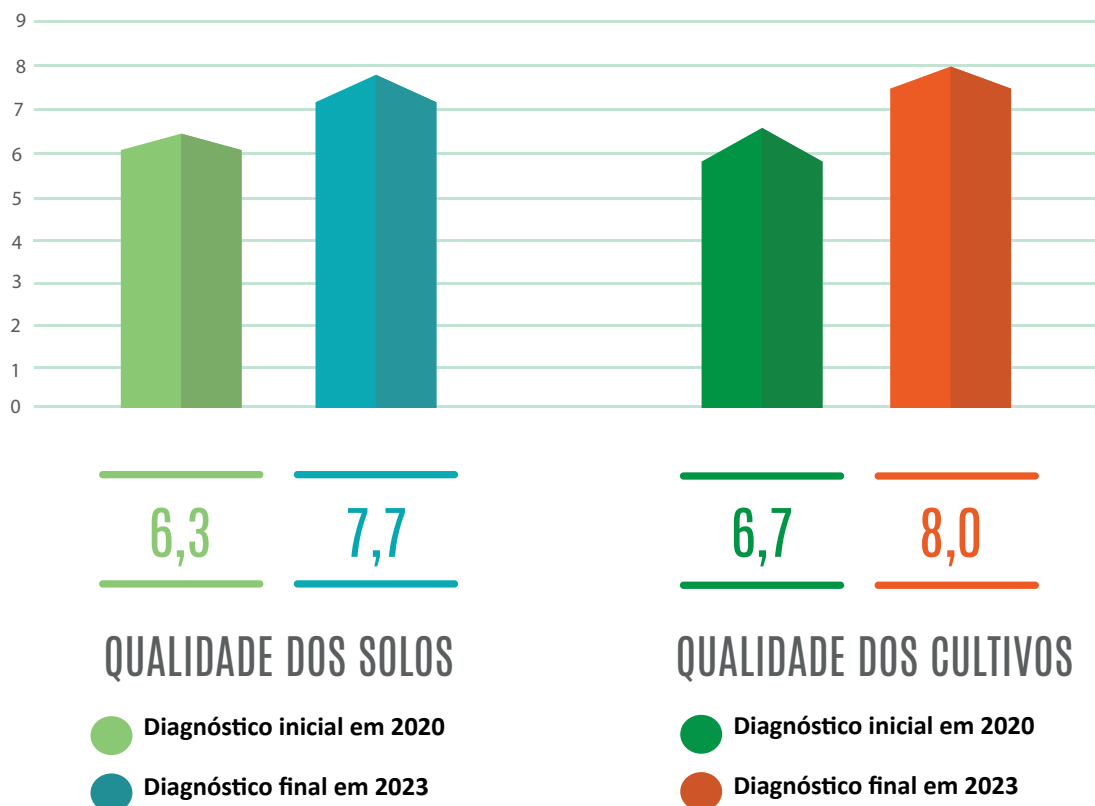


Gráfico: Evolução da produção e rendas antes e após o projeto ATER Agroecologia

Diversas práticas importantes para a Convivência com o Semiárido são responsáveis pelas melhorias citadas, tais como: plantio em curva de nível, produção de compostagem, utilização do esterco, biocaldas, utilização de repelentes naturais, integração e rotação de culturas e demais práticas realizadas durante as visitas e formações da ATER nas comunidades.

Todos os resultados apresentados comprovam a viabilidade da ATER para a produção agroecológica, melhorando a alimentação das famílias, ampliando a produção e a renda, respeitando e conservando o meio ambiente, valorizando as pessoas, comunidades e promovendo o Bem Viver no campo.

Outra estratégia fundamental para um serviço de ATER é o acesso dos/as agricultores/as que participaram da ATER Agroecologia às políticas públicas, como podemos verificar na tabela a seguir:

Política Pública	Quantidade de famílias
Bahia Produtiva	153
Garantia Safra	270
Bolsa Família	110
PRONAF	69
Agroamigo	118
Programa de mudas de Palma	26
PNAE/PAA	29
Agrocaatinga	12
Auxílio Emergencial	17

Tabela: Políticas públicas acessadas pelos agricultores durante o projeto ATER Agroecologia



A partir das reuniões, formações e visitas os/as agricultores/as passaram a ter mais informações sobre as políticas públicas existentes e iniciaram um processo de busca para acessá-las. Nesse sentido, o técnico de campo e a entidade de ATER realizam a ponte entre os órgãos competentes e as associações e agricultores/as. Em alguns casos, levando os parceiros até as comunidades, em outros fazendo os/as agricultores/as chegarem aos órgãos. Outra forma de viabilização das políticas públicas foi a assessoria realizada junto aos agricultores/as para inscrição em editais públicos como Bahia Produtiva/Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

A articulação com os agentes de crédito do Banco do Nordeste também foi importante, possibilitando o acesso dos/das agricultores/as ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Agroamigo, investimentos que potencializaram as atividades das famílias agricultoras.

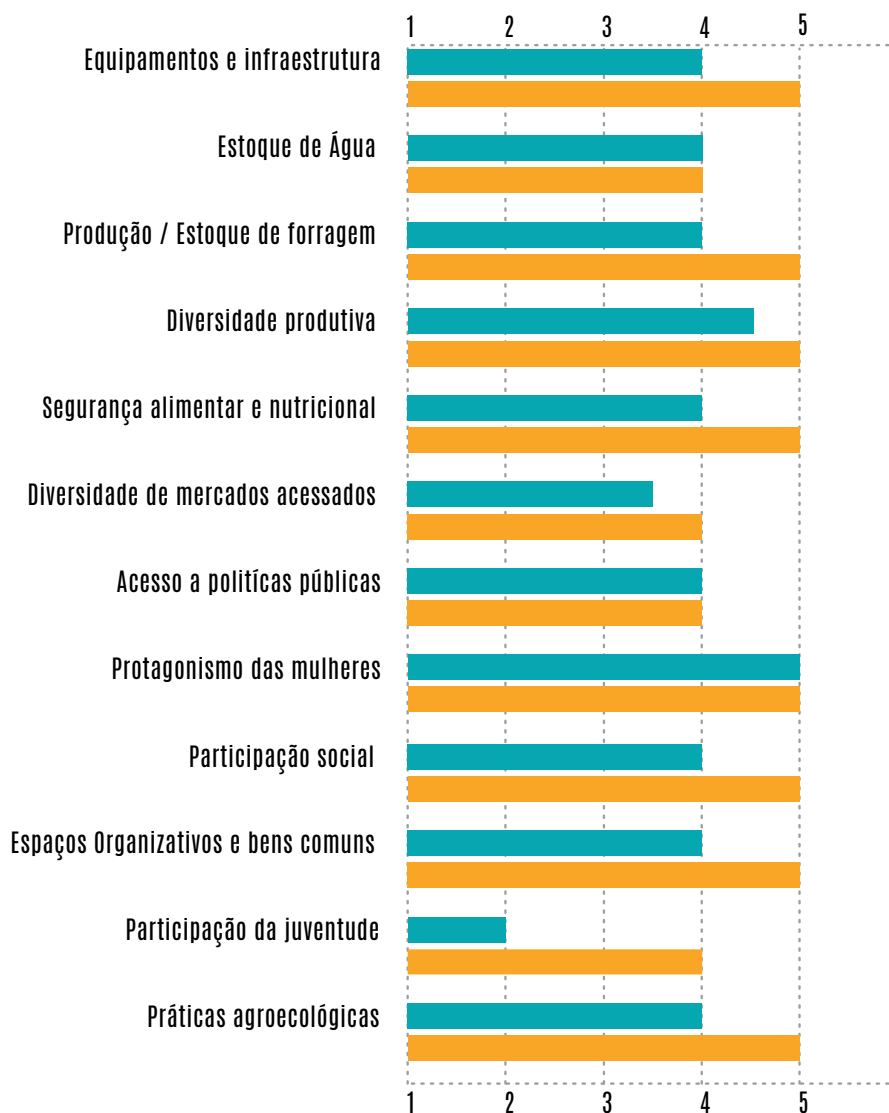
Além disso, a articulação entre projetos foi outra estratégia que permitiu aos agricultores/as assessorados pela ATER Agroecologia terem acesso a benefícios como: Programa de mudas de palma pela Superintendência da Agricultura Familiar através da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SUAF/SDR) e o projeto de palma pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf); Agrocaatinga através do projeto SAF EDU EFA em parceria com a Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (REFAISA), e ainda a implantação de sistemas de reúso de água, projeto executado pelo Irpaa, com o apoio da Cáritas Alemã.

Resultados qualitativos a partir da agregação das caracterizações

Podemos verificar no gráfico x, indicadores avaliados qualitativamente a partir de uma amostragem de 10% das famílias acompanhadas pela ATER Agroecologia. O gráfico aponta os indicadores antes e após o projeto de ATER realizado junto a famílias do Território Sertão do São Francisco, no qual podemos verificar avanço em 9 indicadores analisados.

2020 2022

1 - Muito baixo
2 - Baixo
3 - Médio
4 - Alto
5 - Muito Alto



A partir da orientação técnica, as famílias ampliaram os estoques de forragem para alimentar os animais durante o período de estiagem, e em alguns casos até comercializaram na forma de silagem. Houve maior diversificação da produção através da inclusão de novas espécies de plantas e animais no agroecossistema, garantindo maior resiliência, melhorando a alimentação das famílias e gerando mais excedente para a comercialização. Toda essa diversificação é acompanhada da ampliação das práticas agroecológicas de manejo e produção de bioinsumos dentro do agroecossistema.

Em consequência de maior produção e organização das famílias acompanhadas pela ATER foi estimulada a participação em feiras agroecológicas, como espaços para comercialização nos distritos e nos municípios como: Juazeiro, Uauá, Remanso e Pilão Arcado. Esses espaços fortaleceram e estimularam os/as agricultores/as a planejarem sua produção para garantir o abastecimento dos espaços de comercialização, além das estratégias que já desenvolviam como vendas por encomenda, porta a porta e entrega em mercadinhos.

Podemos verificar resultados positivos a partir do trabalho de estímulo ao trabalho coletivo e de organização social com avanços significativos nos indicadores: Participação social e Espaços organizativos de bens comuns. No serviço de ATER, na perspectiva agroecológica, um dos princípios são as estratégias coletivas como associação, cooperativa, comitês, redes, mas também gestão coletiva de máquinas, equipamentos, unidades de beneficiamento e demais estruturas de uso coletivo. Essas ações fortalecem a comunidade e o território e otimizam os recursos de investimento.

A ampliação na participação da juventude é um resultado bastante expressivo no projeto, esse resultado se deve a intencionalidade desde o início em envolver os jovens nas atividades e também realizar ações específicas para juventude, como: encontro de jovens, cinema na comunidade, intercâmbios. Apesar do avanço, o trabalho para a permanência da juventude no campo deve ser intensificado em todas ações de ATER, além de necessitar de projetos específicos para a categoria.

Nos indicadores Acesso a políticas públicas e Estoque de água não houve avanços durante o projeto de ATER. Esse resultado não satisfatório se deve a gestão do governo federal no período de execução da assessoria técnica que não priorizou políticas e projetos para agricultores familiares, principalmente na região Semiárida do país.



SISTEMATIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

CONSIDERAÇÕES





DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Durante a execução da ATER Agroecologia e a caminhada do Irpaa junto às famílias agricultoras nos últimos tempos, fica claro que alguns pontos precisam ser levados em consideração nas futuras chamadas públicas de ATER da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) do Governo do Estado da Bahia. O mundo e o campo mudaram de forma muito rápida nas últimas duas décadas, assim ameaças, desafios, tecnologias, futuros possíveis, já não são os mesmos de algum tempo atrás.

Dessa forma, a Assessoria Técnica e Extensão Rural que é uma ferramenta de transformação social, econômica, ambiental e cultural, deve ser executada de forma participativa com as famílias agricultoras, levando em consideração as realidades ímpares. Por isso, nas próximas chamadas de ATER, devem estar atentas à mudança de época; além de direcionar ações de enfrentamento às mudanças climáticas que já causam tantos prejuízos materiais e sociais por todo o globo.

Outro ponto essencial é criar maneiras de sensibilizar a juventude para a permanência no campo, através da criação e/ou fortalecimento de possibilidades de geração de renda para essa categoria. Além de proporcionar atividades de ATER em formatos que atraiam a juventude, a exemplo de fomentos que contribuam para a geração de renda no meio rural.

Também atuamos em comunidades que estão sob constante ameaça de grandes empreendimentos que podem acabar com os modos de vida tradicionais, a exemplo dos parques eólicos, mineradoras e grilagem de grandes áreas. Muitas lutas são travadas e sangue derramado (de agricultores/as) nessas disputas tão desleais. Sendo assim, a garantia da terra para produzir alimento saudável também é um enorme desafio que não pode ficar fora da pauta da ATER.

Também chamamos atenção que as atividades individuais nas chamadas públicas, como visitas técnicas, que são importantes para a mensuração do desenvolvimento das famílias assessoradas durante o período de execução dos contratos. Portanto é pertinente uma atividade individual, na unidade de produção familiar, no mínimo a cada três meses.

Estudos com as comunidades e incorporação de outros tipos de economias solidárias podem ter espaço em chamadas futuras de ATER, fortalecendo economias baseadas na Ecologia, no Desenvolvimento Integral, no Bem Comum e na Economia a Serviço da Vida, podem ser a base para produção saudável e sustentável no futuro.

Outro fator determinante para a qualidade do serviço de ATER é a formação continuada da equipe técnica. O Irpaa promoveu encontros trimestrais de Avaliação, Monitoramento, Planejamento e Formação da equipe técnica do projeto, contribuindo na autoformação da base, que está em contato direto com as famílias agricultoras para melhor alcançar os objetivos do projeto.

Além disso, as chamadas públicas também devem permitir adequação dos valores das atividades no decorrer de sua execução, pois as instituições ficam sujeitas a variações de valores, principalmente de combustíveis, fugindo de sua governança, comprometendo a viabilidade financeira dos contratos na realização de uma ATER de qualidade e comprometida com as famílias assessoradas.

Ao conhecer e acompanhar de perto as famílias agricultoras do Semiárido é evidente que ainda faltam muitas cisternas, falta terra garantida com tamanho apropriado, faltam políticas públicas, faltam instrumentos adequados para o envolvimento das juventudes. No entanto, a ATER, como processo educativo continuado, foi e é fundamental para a transformação da realidade do campo e da vida de milhares de agricultores e agricultoras rurais do Semiárido.

Apoio



Financiamento



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL